

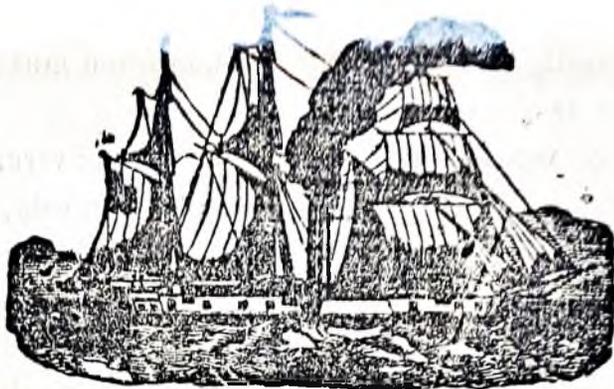


O

ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.^a

BAHIA 1.^o DE DEZEMBRO DE 1864.

N.^o 142.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17.
à 1^o rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 30 de novembro de 1864.

Acto—O capitão do *Alabama*, attendendo às reclamações da imprensa e aos disturbios que se tem dado no theatro de Latronopolis, nomea,—para examinar si tem sido litteralmente cumprido o contracto da actual empreza,— uma commissão composta dos seguintes cidadãos: Dr. Augusto Chanchan Gravata da França, Dr. Gustavo Fôfo Bebê Sem Sal, e Janico Poeta dos Passos.

Ordena por tonto que neste sentido se expeçam as necessarias communições.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que por charidade mande tapar uma boca de lobo que existe na rua Nova de S. Bento, na qual ia quebrando a perna um moço que por alli transitava no domingo á noite.

—Ora esta!

—Que ha?

—Pois o *Alabama* que fallou no ultimo numero em terem arrombado e quebrado uma typographia no Maranhão, não está ameaçado!

—Por quem?

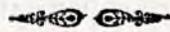
—Pelos partidarios da D. Leolinda que são quebra-cazas.

—E' irem á policia.

—V. sabe que aqui a policia não dá cavaco com certas cousas. Ex.: as vidas dos proprietarios de uma typographia estavam ameaçadas; houve denuncia, houve provas, e o Sr. Malaquias nem foi chamado!

—Então protestem desde já, que, si lhes succeder alguma cousa; foi nisso connivente a policia.

—De certo. Tanto mais quanto os LEOLINDISTAS são, na maior parte, academicos, entusiastas da actual situação, que até foram felicitar o actual presidente.



—Ora que atrevido!

Pois não vias que eu havia de saber de tu lo!

—De que tracta, capitão?

—Espera que quem te dará a resposta é o muxingueiro; veras então si é boa a graça.

—Perdão, capitão!

—Insolente! sempre mostras que foste laçaiio do MERCURIO....

O dinheiro dos charutos que SUBTRAHISTE da gaveta não foi a rasão da desavença, gallego?!

Não foi de proposito, estando presente a creada, que te dirigiste á senhora?

Em tua terra quanta vez comeste de talher?

Não era com as mãos cheias de SELECTA que mechias a nojenta sopa d'alhos? E para que queres impor de fidalgo, bobo?

Anda, leva já as CHAVES ao amo, bruto!

Tu podes ter CHAVES, mas CHAVES de alguma cloaca; dahi, sim, podes ser porteiro.

Que gallego! Não sei onde estou que te não mando refrescar a cara pelo muxingueiro!

Muxingueiro!

—Ora estes gallegos!

—Que houve?

—Não andam a dizer que o Novaes comprou por 500\$ a redacção do *Alabama*!

—Compraria sem duvida a mãe de quem disse, por dez tostões talvez.

Bregeiros!

—Ora que «pinto» velho! que gallo de diabo! depois que trocou a crista pelo «barrete», está que ninguem o pode aturar! que capão damnado!

—Pois si aquelle bregeiro não der provimento aos autos, terá de se haver comigo.

—Com o seu muxingueiro, será melhor.

—E' isso; de vergalho hei de mandar-lhe fazer a festa.

Que patife! «Com vistas ao promotor».....

Que velhusco enfarruscado!

Que pinto com alma de carrasco!

Por um cruzado deixa um anno na cadeia a um pobre!

—Dr., para que estes arreganhos?

Si não quer em sua caza a gazeta, diga a sens empregados que a não assignem; deixe-se de desaforos.

Não pense que por se chamar *Cesar* passa por grande cousa, quando sabem tados que V. é uma especie de *Borgia*.

Será melhor que não admitta em seu estabelecimento *rapozas* que comam frangos.

—Viu a *Semana Illustrada*?

—Li; o n.º 205 está importante, a pag. 1639 tem duas caricaturas que dizem respeito a certo doutor que gosta muito de *passeios*.

Quem poder lel-o, não a deve perder.

Si puder ser, o «Alabama» reproduzil-as-ha (as duas caricaturas).

—A musica, ao domingo, no Collegio é um acabar de miseria! Apparece sempre depois do credo!

Este domingo ultimo eram tres meninos e o Nascimento a gritar tanto que não parecia *estarem so's*.

—Ora historias! musica é dispensavel! Os conegos não estão dispensados?

Eu sou dos que dizem: ou tudo nada. Si hão de fazer asneiras, fechem antes as portas da cathedral.

—Está na rua o Chico Carteira!

—Quo terra, meu Deus!

Um ratoneiro conhecido, rouba uma carteira, é preso, e no outro dia está na rua!

—O que quer que lhe faça?

Não sabe que o decreto 1090⁴ é a salvaguarda dos gatunos?

A parte que se queixe.

—Mas si um certo personagem foi da parte de Chico Carteira propor ao prejudicado que não desse queixa por que tudo se arranjará e elle receberá, dinheiro e o pobre tabareu arriscado a perder tudo concordou!....

—E recebeu?

—Qual! logo que o ladrão apanhou-se na rua mandou levar ao homem 100\$ que elle não quiz receber,

—E a policia não tem um meio de corrigir taes industriosos! De maneira que um ladrão feliz, que nunca seja preso em flagrante, pode viver roubando a seu salvo!

Ah! Dr. Freitas Henriques!

—Chico Carteira de mais a mais é casado.

—Com duas mulheres, dizem, e não vive com nenhuma.

LA VAE VERSO.

O que *saraiva* não fez
Patranhas farão agora;
Saraiva faz medo á gente,
Patranhas a gente adora.

Cae *saraiva*, faz barulho.
Mas se derrete em momento;
Patranhas, mais geito e arte,
Faz tudo sem espavento.

Temos pois de ver que aquillo
Que a *do ceu* por lá não fez
Será feito por *trelinhas*
Por *patranha*, desta vez.

Não acho motivo

P'ra os liberações
Quererem fazer
D'inuteis zangões.

A PERDIDO.

—Que é isto, meu brigada?

Parece-me mais um caçador, destes que querem acabar com a bicharia toda e até com a rapazeada...

—E' que aquella mulher...

—Bem sei, maganão; si se não emenda offereço lhe um gravatá e uns pratos, para ver si assim accomoda-se. Olhe que melro!

—Mas a mulher, capitão.

—Não está prompta a soffrer insultos de um soldado imprudente. Cale-se.

—Não viu uma noticia que dá o «Jornal» sobre caza accommettida, vidraças quebradas etc?

—Vi; foi a caza do Augusto. marido da D. Rosalina que os partidarios da D. Leolinda accommetteram; quebrando-lhe as janellas, atirando-lhe pedras e insultando horriavelmente aos donos da caza.

Voltavam do beneficio da rua do Baixo.

—Bagatella! A policia dormia talvez, não?

—Já era mais de meia noite, é provavel.

—Que massa bruta é aquella que ali vem?

—Homem, aquillo não é massa, é rocha.

—Que bem precisa ser arrochado para não andar occupando-se da vida alheia, balanceando a caza dos mais.

—Quem é elle? é um malandro, estouvado e tolo, que inda não recebeu a herança por não estar emancipado?

—Ah! já sei! é aquelle que vivo do caza em caza dizendo que é proprietario, e que quando receber a herança hade fazer um futuro esperançoso.

—Muxingueiro, pegue aquelle biltre e refresque-o para tomar vergonha.

Vem cá, carcamano pescador e cozinheiro que é o que fizestes, a teu caixeiro? Eu nada Sr. capitão, pois tu, saffado, maleriado minha besta quadrada, não lhe dissestes (por elle te pedir um garfo que lhe faltava) que quem tinha a culpa eras tu por o botares na meza dos brancos, pois elle é negro, meu saffado e por elle repelir tu não lhe dissestes que não te respondesse que se não voava por ella janella fora e por elle te repelir isto tu não te levantaste e te dirigistes a elle para talvez lhe dares, e afinal não lhe dissestes que de hoje em diante não comia na meza, que havia de comer na cozinha, pois espera, eu te vou mandar dar a recompensa. Muxingueiro!

Ai Sr. capitão não me dê mais por S. Gustavo lhe peço.

Fogo! ai Sr. por seus calombos não me dê mais que já estou muito castigado.

Na cidade de Latronopolis existe um jumento carregado com carga de pre-pitanga, cujo quadrupede, quer por meio de seus incantos se tornar «gentil», ora este jumento de quem se tracta, tem o dom de fallar, por isso que, este animal torna-se superior aos outros irracionais da mesma especie, elle tem publicamente personalisado, e jacta-se, de ter emprestado a certo empregado da alfandega de Latronopolis a quantia de 200\$000, e que o dito apenas tem dado algum dinheiro por

conta, e isso mesmo, porque elle de vez em quando lhe atira desmesurados coices, o nome deste ente, que sujeitou-se as condições deste anatocisnico e encircunciso jumento todos sabem, porque o dito jumento assim o tem feito ser conhecido; aqui concluo o meo trexo, dizendo que este animal, já se acha em estado de se lhe apertar a cilha, em razão de ter engordado e se alimpado nos campos fertéis da referida alfandega, e irei mais adiante, afin dos leitores conhecer certos actos deste jumento, os quaes sabirão do ôdre, rompendo as cortinas do silencio.

O AZORRAGUE.

Mendigo Suberbo.

Apparece em Latronopolis um mendigo pedinxão, o qual fez sua pousada no largo dos Affligidos, por occasião de festejar-se o padroeiro daquelle lugar.

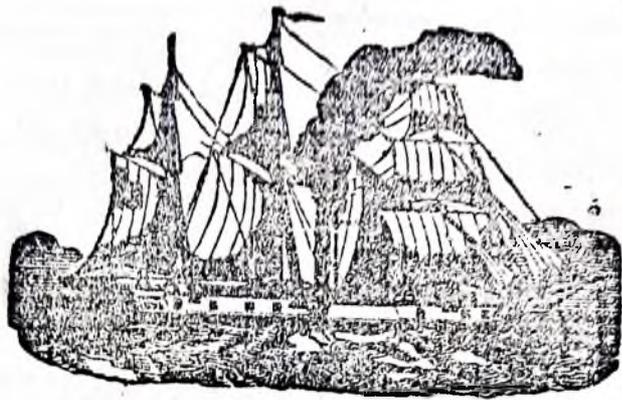
Com as esmollas que lhe davam conseguiu ajuntar algum dinheiro com o que comprou um bilhete, no que foi bem succedido, porque tirou uma sorte.

Julgou-se logo um millionario, e pessuido de soberba expelliu os companheiros em cuja roda andava tratando-os com grosseiras palavras quando os encontrava.

Mas tristes accasos da sorte! a roda desandou, e opulento phosphorico viu-se reduzido á miseria em pouco tempo, voltando para o meio daquelles a quem maltratara, e ja no domingo passado era visto no mesmo largo pedinxando *entre os companheiros*.

S. JOSÉ MARIA.

Roga-se a certo portuguez malcreado que mora á rua d'Alegria e teve o atrevimento na tarde de 23 do corrente, depois de jantar, de insultar a uma senhora casada, como a sua é, não estando seu marido em caza, que não o torne a fazer, porque ninguem está prompto para aturar a bebados; cozinha primeiro o seu vinho por que de outra forma lhe pode custar caro; ou-bistes?



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª

BAHIA 3 DE DEZEMBRO DE 1864.

N.º 145.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericórdia n. 17. a 15 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Com este numero começa a 15.ª serie.

Fica suspensa a remessa aos Srs. que devem mais de duas series.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 3 de dezembro de 1864.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que sem demora metta no porão deste navio o caixeiro da taverna n. 33 A., ao Maciel de Baixo, não só por conservar aquella taverna aberta até 1 e 2 horas da noite, como porque reúne allí moleques vadios e mulheres perdidas para a pratica de quanta immoralidade ha, sendo isto feito com estrepito e assuadas, como inda uma noite destas accouteceu depois das 11 horas. Cumpra.

—Ora não estão vendo!

A agua do Queimado é a mais ordinaria de todas que actualmente se bebe e vivem os *intimos* a fallar de todos.

E' o Sr. Rodrigues, na botica, a chamar estúpido a quem falla da agua; é o Sr. Paulo, na loja, a gritar que é calúnia; é o Dr. Virgilio, na imprensa, a mandar estudar a materia, e o povo que vá bebendo veneno, em quanto os figurões lhe fazem nariz nas costas e riem-se á sua custa! . . .

—Capitão, misericórdia!

—Que tens, rapaz?

—O mundo vae se acabar. Inundações, temporal, naufragios, guerras, cometas, meteoros, eclipses, meninos com caras movediças, mulheres a parir seis filhos, tudo isso que indica?

—Que estás com honras de velha beata.

—E si V. Ex. visse um macho virar femea?

—Não era novidade; mas onde foi isso?

—O Dr. Catana transformou-se em mulher!

—Ora! . . .

—E depois tem relações com os mortos!

—Quando eu digo que ainda crês em bruxarias!

—Pois V. Ex. não viu?

—O que?

—A Catana ordena ao fallecido

guarda marinha Guilherme que vá à estrada das Boiadas fazer não sei o que.

—Então é que a *Catana* veio do mundo de além.



—Carniceiros!

O nome diz o que são!

Vivem das lágrimas do pobre!

Os barcos ali estão cheios de carne seca e o preço não desce!

Acaba de desembarcar uma grande partida de carne ardida, podre...

Sr. Dr. inspector da saúde, queira por favor ir examinal-a; provavelmente não estará *purissima*.

Vá aos depositos, às barracas, meu charo Dr.; tenha paciência; mande deitar ao mar essa *carniça*.



—V. não me dirá porque as philarmonicas não compareceram ao festejo de Santa Cecilia?

—Talvez porque seus membros não são musicos de profissão.

—Não é provavel; lá estiveram até doutores que se prestaram, e depois ellas tinham promettido.

—Eu não queria dizer. Mas dizem os meninos da Candinha que porque em geral os musicos bahianos são homens de cor e elles se não querem misturar com mulatos; são, pela maior parte, portuguezes, são brancos.....

—Safa! quanto intrigante, meu Deus!



—Capitão, viu que desaforo! A *Catana* ordenando a empregados do *Alabama*!

—Felizmente a ordem é dada a defuntos!



—Ora V. não sabe o que *appareceu*?

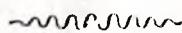
—Que foi?

—Um sujeito que anda na rua do chefe a namorar e que teve o atrevimento de mandar fazer uma *chave falsa*.

—Ah! disso já sei e mandei até participar à dona da caza, que é uma honrada viuva.

—E não mereço punição da parte de V. Ex.?

—Si continuar, far-lhe-hei as contas



—Olhe que cara! Parece bem um cavallo cançado...

Então o rendimento da fazenda *OX-DE SE MATA* é capim?

Tu que só isso plantas é que disso tiras proveito.

Com elle é que tens saciado a gana, tratante.

E com effeito, para tua raça é a melhor salada que pode haver. Como com ella te dás bem, julgas que todos della gostam; é engano.

Quero porém fazer-te um beneficio, quando fores dahi despojado; dou-te um logar n'Agua de Meninos, onde acharás quem te lave, quem te tracte, quem te zele; comida acharás em fartura e sem trabalho; mel, tel-o-bas no alambique do Espinheira que fica perto.

Deixa estar; apesar de ficares sem vintem, pelas grandes ladrociras que tens feito, não morrerás á fome; fica certo, meu *Linguinha dos seiscentos*!



—Não sei, não sei!

Vive-se aqui justamente como quem carrega *cruz*; tudo se soffre!

Valha-me o milagroso *S. Cosme*!

—Mas que novidade ha?

—E' que uma authoridade que temos é o desmazelo em pessoa, por ser muito *franca* talvez.

A policia anda *acephala*; badernas, cassuadas, tropelias, insultos, pancadas, e o homem quanto a energia e actividade, não tem nem de louça um *pires*!

Nem tão pouco!....



—Leu o «Jornal» de 2 do corrente?
 Diz que os burros que tom instinc-
 tos liberaes não gostam de carregar os
 liberaes seus companheiros.

—Que se ha de fazer?

—Deixar latir o cão. Pois porque me
 dá um burro um coice, segue-se que
 devo imitar o burro!

—Capitão, viva paritido liberá!

—Oh! estás liberal agora!

—Iô ta sempre miga de liberá.

Ossincellence lê *Trêce Pubrica*? Os-
 sincellence lê artiga qui tracta de si-
 cravidão?

E' pru esse que iô gussa de liberá.

Iô ta ni munta contentamento, iô
 vac faze frogamento cum minha paxero
 turo.

Viva paritido liberá!

—Mas que ha, rapaz?

—Saquarema cravisa negro, liberá
 forra ere turo. Anani bem dize qui li-
 berá ta fia de Deu qui morre ni cruzo
 p'ra liberdare di genuro humano.

Viva paritido liberá!

Vive la libérté! Vivó!

—Queres que mande o muxingueiro
 tocar a musica?

—Iô nan qué commodamento, ca-
 pitão.

A PEDIDO.

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

Ha cinco dias foi depenado, as Por-
 tas da Ribeira, em caza d'um tal Do-
 mingues, um pobre homem vindo de
 fora com cento e tantos mil réis, que
 ficou sem dinbeiro para o seu trans-
 porte; no dia primeiro do corrente foi
 para alli outro individuo coaduzido por
 um José Ruffo afim de ser pilhado por
 um José Piloto que auxiliado pelos so-
 cios deixaram o infeliz em petição de
 miseria.

Nesta caza tem sido victimas innu-
 meros paes de familia que vão alli at-
 trahidos pela ignorancia e pelo desejo
 do lucro, a chamado do tal José Piloto.

E' preciso que desappareça dalli a-
 quelle foco de ratoneiros, cujo unico
 meio de vida é a pilhagem no jogo.

**Ao Exm. Sr. Presidente da Pro-
 vincia.**

As *ultimas camadas da sociedade*
 são ingenuas, dizem o que sentem e
 pensam, sem torneios ou phraseado;
 fallam verdade.

Essa maneira brusca de se exprimi-
 rem, essas expressões toscas que soam
 mal aos ouvidos limados da *aristocra-
 cia*, passam por *paschins*.

Para V. Ex. porém que sabe conhe-
 cer o merito, aprofundar a verdade,
 fazer justiça, a queixa contra um abu-
 so merece ser sempre attendida, par-
 tam embora os clamores da alta ge-
 rarchia social, ou da sua infima ca-
 mada.

Ha nesta terra um lugar de summa
 importancia, cujo funcionario vela,
 ou antes deve velar pela saúde do povo.

Ninguem porém em boa fé negará
 que o Sr. inspector de saúde, tão soli-
 cito quanto ás aguas do Queimado, é
 em geral negligente.

S. S. vê as ruas no mais deploravel
 estado; um *paschim* denuncia-lhe que
 no Papagaio interrou-se um burro; que
 n'Agoa de Meninos outro está em pu-
 trefacção, que no beco do Oratorio
 ha aguas estagnadas etc. etc. etc., e o
 Sr. inspector contenta-se em dizer que
 não tem agentes, e nem ao menos re-
 clama providencias!

Sabemos que desde o Dr. Freire, é
 costume nesta terra, em vez de defen-
 der-se o empregado publico das ac-
 cusações que lhe fazem, chamar à res-

pousabilidade por INJURIA, *crime para cuja justificação se não admite proceas!*

Embora!

Não tractamos aqui de injuriar a ninguém: o Sr. Dr. José de Goes pode ser muito honesto, muito moralizado, mas não exerce bem as funções de seu cargo. O Sr. Dr. Goes é homem politico, entretem-se mais com seus diversos ramos do que com a saúde do povo; vem-lhe talvez dahi a pouca attenção que liga ao cargo melindroso que occupa.

E' preciso pois que cesse isto, que se dê esse logar a quem lhe saiba melhor comprehender as obrigações, os sacrificios até.

Não somos levados nisso por paixão alguma; fazemos justiça ao character do Sr. Dr. Goes, que será sem duvida o primeiro a reconhecer que não deve continuar n'um cargo, para que tem aliás habilitações, mas para cujos soffrimentos se não acha resignado.

E para substituil-o, Exm. Sr. presidente, V. Ex. sabe que não faltam characteres honrados; consinta-nos porém que nos atrevamos a lembrar-lhe, entre outros, os seguintes nomes: Dr. Ozorio, Dr. Joaquim Botelho, Dr. Ignacio Cunha, Dr. Januario de Faria, conselheiros J. Silva Gomes, Antunes, Magalhães e Aranha Dantas.

E fique V. Ex. certo de que não será esse passo que atrahirá contra V. Ex. a animadversão do publico.

—Vossês conhecem Luciano?

—Um israelita?

—Sim.

—Conheço; tem mais charidade do que qualquer catholico desses jesuitas que por ahí andam a imbahir o publico.

Um destes dias, morreu o chefe de uma familia honrada e pobre, e elle promoveu uma subscrição em seu favor. Entretanto houve gallego que desviou os olhos, ridicularisou a acção, e não deu nem um vintem dos milhões que em seu bolso metteram os crimes; a moeda falsa, o contrabando, o trafico etc!

—Era justamente para referir isto que eu perguntei si conhecia o Arianí.

—Que lh'o pague a alma do João Faustino!



Bella acção.

Pede-se a um tal Olavo que vá restituir certo objecto que tomou a uma infeliz mulher e que a ella custou o suor do rosto, objecto que Sm. tomou a pretexto de levar á terceira pessoa para compral-o, não se dignando voltar até hoje.

Si o não fizer, serão publicados seus bellos feitos; arranje-se em quanto é tempo, visto que a infeliz anda a ajoelhar-se pelas ruas aos pés de qualquer sujeito, implorando compaixão. Um amo della quer somente saber seu nome para dar-lhe o destino, sob determinação do Sr. Dr. chefe de policia.

Eu só me admiro da sua maciez; sempre é *velludo*.

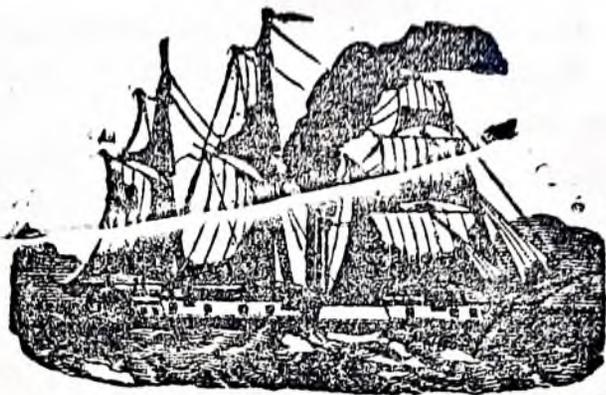
Veja o que faz.

Até logo.

* * *

Sr. Chrispim d'Uzeda.—Ponha cobro a sua gente para que não viva a insultar a vizinhança que nunca lhe offendeu, veja lá se Chrispim é *Mane'* *Mane'*.

Chrispim da Sempre Virgem Maria.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.^a

BAHIA 6 DE DEZEMBRO DE 1864.

N.º 144.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17.
a 1^o rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 5 de dezembro de 1864.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande calçar a rua que desce para a fonte do Forte de S. Pedro, a qual tem innumeraz casaz que todas pagam decimas; assim como concluir um cano que no meio della existe, onde pode cahir alguma pessoa.

—Ao Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que andam nesta cidade dous industriozos a impingirem aos pretos e pessoas ignorantes bilhetes de loteria falsos e já corridos.

—Ao mesmo participando-lhe que além das innumeraz casaz de jogo que ha nesta cidade, e contra as quaes, por já repetidas vezes, se tem pedido a S. S. energicas providencias, abriu-se recentemente mais uma na rua dos Ossos, freguezia de Santo Antonio.

—Ao Sr. subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio, para que mande edstruir um furioso quilombo que ha

na loja do sobrado n.º 5. á rua dos Marchantes onde se praticam as maiores indignidades.

—Ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua dos Adobes, n. 13 e intime á dona da caza para pagar a multa imposta pela postura, visto criar uma duzia de cachorros que atropellam á quem passa e aos ouvidos dos visinhos, obrigando-a a apresentar-lhos para dar-lhes a bolla. Cumpra.

—Publicou-se a *Liga*, comedia de um conservador.

—Ja li; ja leu?

—Ja. O final do ultimo acto tem um pedacinho interessante, na fallia do *vulgacho*.

—Tambem não é má a 2.ª scena do 1.º acto em que se historia a procedencia e o nascimento da *liga*.

—V. pelos modos é conservador.

—E V. cheira-me ou antes fede-me a ligueiro, maganão. . . .

—Ligueiro, ou vermelho, cumpro agradecer ao author a remessa que se nos dig- ou faze:.

—Capitão, mais uma do progresso.

—Qual?

—Um escravo mandado surrar por ordem da authoridade, sem sciencia do seu senhor e sem haver processo.

—Que authoridade foi essa?

—Um subdelegado.

—De que freguezia?

—Não lhe posso dizer.

—Ora historias!

—Encommende-se a SANTO ANTONIO, meu capitão; V. Ex. sabe que o santo é milagroso.



—O «Jornal» diz que o anniversario do natalicio de S. M. que é sempre festejado, foi-o este anno apenas oficialmente.

—E diz que é por que o povo está vendo o paiz arrojarse n'um abysmo, aberto pelos progressistas.

Eu vi.

—Este «Jornal» tem lembranças!



—Malacachias está a descobrir traidores!

—E ladrões tambem?

—Provavelmente. . . . animo, quem o não tiver peça a elle.

Safa!

— Do!



—Olá, magano! Para que has de estar a desencabeçar a menina? e ás 5 horas da madrugada? dando-lhe até beijocas? e abraços?

—Mizericordia, meu Deus! Capitão, por Santa Adelaide, me perdôe.

—Mas si te queres cazar, não é preciso dares beneficio, enjoando aos moradores de S. Bento.

—Capitão, veja que meu pae não saiba.

—Quem, o Lobo? E' justamente o

que eu quero; que elle te FISCALISE para tomares geito.

E pena que se perca um tão bello moço.

—Metta-me antes a cara na cloaca do navio.

—Serio? Seja pois feita a tua vontade.

Muxingueiro!

.



—O *Jornal* dá noticia de que ha 250 praças no corpo de policia na capital, e nota que se allega o não poder ser feito com essa força o seu policiamento quando o de toda a província é feito com 400 ou menos.

—E tem razão; não sei isso ao que é devido.

—O governo, como diz o mesmo *Jornal*, que providencie.



—Qui culmina tangit vergit ad imum.

Quem se trepa em olho de mamoueira, tem o chão ao pé de si.

O latim é da Politica e a traducção do Gauderio.

—Os personagens da *Liga*?

—Sim; a proposito, as ultimas scenas, a principiar da 8.^a são *interessantes*.

—Como diz o Capacho, quanto peor, melhor.



—*Santinha*, deixe o rapaz.

—Si o amo!

—Deixe o gallego ajuntar dinheiro.

—Quero-lhe tanto bem!

—Mas assim, a fazer despesas para V. ir ao theatro, a comprar frascos de cheiro, pomadas, requifes, pentes e bagatellas, o labrego dá com os burros n'agua.

—Achará no fim de tudo meu amor para animal-o.

—Mas é que elle não me tem cara de Cupido.

—Mas eu. . . eu sou uma Venus, Sr.

—Pois eu já a confundi com a *Mou-ra Torta*.

Deixe o pobre diabo que veio se abrigar á sombra *d'arvore das patacas*, gosar um pouco da *brisa sonora* deste abençoado torrão.

—O Sr. falla que a gente não entende.

—Não admira; queira fazer o favor de perguntar ao *Contas duzas* é.

—Capitão, tem paxença.

—Que há?

—Lô tem resão condo iô grita: viva paritido libera!

—Diga depressa porque.

—Sicravo turo de Sitaro Unido tâ forro! Esse obra de quim é?

—Sim, sim; tens rasão, não ha duvida. Só o que eu reparo é que em tempo de chuva ficas mais poeta.

—Felizmente está perto o anno de 1865.

—Para que?

—Para termos o cometa.

—Para que?

—Para fazer a illuminação publica no todo. E' quando ha de ficar illuminado o Poço de Itapagipe. Tres mezes de cometa com luz superior á da lua, veja que pagode!

—Dispensa-se então o gaz?

—Que duvida! a epocha é de economia e durante os bemditos tres mezes a provincia não gasta um real com o gaz.

—Mas o contracto?

—Tem sido muitas vezes infringido pela companhia, nada importa ao governo infringil-o uma vez.

Depois o contracto refere-se ás noites de lua e tracta-se agora de noites de cometas.

—Bemdito progresso! ja andas pelos astros....

—Que duvida! tem invadido tudo. E' a primeira vez que me consta que esses rabudos deitem tanto fogo.

—Um puxo!

—Pariu a montanha?

—Não; a camara está mandando *reparar* a ladeira da Misericordia. E vac mandar deitar abaixo um mamoeiro que nasceu na muralha...

—Para não rachal-a?

—Não, para não cahir em quem passa.

—Bondoso coração!

—Ou antes, muito pode a aproximação da morte.

—A *Liga* no fim do 1.º acto tem um bello pedaço sobre o 3.º districto.

—E' a lei do *eu*; é Matheus, primeiro aos teus.

—Ah! sim.....

—E continúa a *rainha Congo* a insultar a quem passa, a offender a moral publica!

—Deixe a preta.

—Não é com a preta que eu fallo, é com a policia que deve velar sobre isso.

—Pois então vá ao subdelegado da Conceição da Praia, que por força ha de passar na Preguiça.

—Muita intimidade tem aquelle preto com este homem que tem fabrica de *fazer ferro*, pois que todos os dias vac visital-o á essa rua em que faz *preguiça* passar!

—São freguezes.

—Freguezes de que?

—O homem compra ferragens em mão do preto.

—E onde as acha elle para vender, tem loja?

—Não; dizem que extrahê o ferro d'uma mina que descobriu em S. Domingos.

—Está boa esta! Então extrahê logo o ferro convertido em obras!

—Por milagre de S. Joaquim, de quem é devoto.

—Ora Sr. Alves, não me conte historias, que eu não creio. Aquillo não pode deixar de ser furto.

—Tambem pode ser.

—Um membro de commissão pode dar parecer, sem ter ouvido aos companheiros?

—Julgo que não; principalmente si é para justificar uma cousa contra a qual se queixam todos.

—E si a cousa for tão complicada que para sua resolução se requeira tempo; estudo, trabalho?

—Peior.

—E si estas necessidades forem reconhecidas pelo proprio que deu o parecer?

—Confessa que delinuiu; peor ainda.

—Supponha que se queira fazer disso um capitulo de accusação.....

—E' muito justo.

Si eu fosse *inspector* das acções a-lheias, formulava o libello, ainda estando, como estou, *fatto de saúde*.

—Bem; era só o que eu queria ouvir.

—Vim agora da Barra e julgando estar aberto este portão, fiquei em branco.

Ora que diabol!

—E' progresso, rapaz, e depois o Passeio Publico nunca foi rua.

—Mas que necessidade ha de vedar-se esta facil communicacão? O progresso mandará impedir o transito?

Já é a segunda vez!

—O portão da relação já está aberto.

—E quando se fechou isto?

—Depois da tomada do Florida.

—Olhe que este Dr. Souto. . . .

O moço intendê de tudo; sem duvida

foi um plano de defeza; o portão é uma valente trincheira.

Sendo assim, acho justo, tem razão.

—E tanta que o remedio que o Sr. tem é andar para traz.

—V. está vendo aquelles ramos alli no caes Novo?

—Vejo; como estão carregados de mangas!

—E são vendidas por alto preço e podres.

—Podres!

—Sim; é prohibido escolher.

—Como?

—Aquelle caixeirito insolente não permitte e o dono da caza acompanha-o.

—Gastei, mas foi da *juqueira* rebatendo a mangueira.

—Que diabo de embrulhada é uma?

—Proximidade do Commercio, é tudo pomar.

—E o caneco de breu, o alcatrão, tambem é pomar?

—Que lh'o diga o José Francisco.

—Só com um cabo podia eu dar-lhe a resposta.

A PEDIDO.

A certo alfaiate que não quer entregar uma obra.

Official que promette

A obra que nunca chega,

Toda sua freguezia

Vem o diabo e carrega.

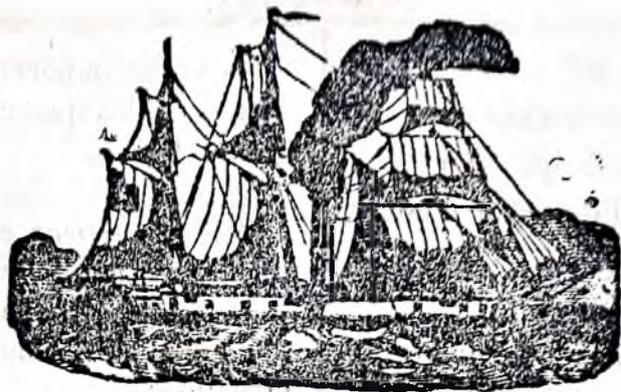
(EXTR.)

O Archanjo S. Miguel.

ANNUNCIOS.

Quem tem penhores na venda n.º 32, á rua Direita do Collegio, queira ir buscal-os.

Quem precisar de nma ama de cozinha para caza de pequena familia dirija-se a esta typographia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 13.^a

BAHIA 10 DE DEZEMBRO DE 1864.

N.º 145.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 47. a 1.ª rs. por serie de 10 numeras, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do «Alabama» 9 de dezembro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias, a fim de que o menor de treze annos Quintino Manuel da Silva, que consta seguiu a para a corte em companhia de alguns soldados do 10.º batalhão, volte ao poder de sua mãe.

—Ao Sr. commandante do corpo de policia, para que informe si o guarda desse corpo José Barbosa Ferreira, que se acha preso ha cerca d'um anno, tem direito a algum vencimento de soldo atrazado em quanto monta, e a razão porque até hoje não foi pago, visto que ha quem diga que esse dinheiro ja se acha em poder d'alguem.

—Ao commandante do esquadrão de cavallaria, para que não consinta os guardas e os forçados que se acham sob suas ordens andarem nus, em contraposição á postura B; assim como

para que mande sangrar os animaes no quintal do quartel e não na rua, pois causa grande repugnancia aos que passam.

—Ao mesmo, afim de que mande collocar biqueiras em todos os telhados das cazas dos quarteis, segundo ordena a postura n.º 32.



—Vi a *Critica*? Traz a noticia do que fugiu um doutor do hospital.

—Pois não! Muita gente o viu pelo Maciel e pela Baixa dos Sapateiros em fraldas de camiza, a gritar que era o Divino Spirito Santo.

—Cassuada.

—Verdade, Sr.: eu vi e na typographia do *Interesse Publico* havia muita gente que viu: pessoas de representação cujo nome se poderá citar, alguem oppondo duvida.

—Só si forem os *charidadeiros*, que julgam ter mais credito do que o proprio credito.

Canalha de jesuitas e hypocritas, a quem accusa a voz publica de *certas relações clandestinas!*.....

Que miseria!

E entretanto por amor das taes *santas virgens* ficou muita gente sem pão..

—Graças ao Sr. Figueredo Leite o aos seus.

—Sabe? o padre Neca, segundo diz o *Interesse Publico*, está fazendo o diabo no Maracás de connivencia com o juiz municipal.

—Homem, deixe-me!

—Não sabe V. o que perdem, não ler a historia.

—Lel-a-hei: temos *vú* por força.

—Que diabo é isto?!

—Que foi?

—O esquadrão de cavallaria serve-se agora de carneiros?

—Ca, ca, ca, ca, ca!

Está boa esta!

Quem lhe disse isto, homem de Deus?

—Não ria-se, que não ha motivo para tal: fallo o que vejo, ou o que ouço.

Passei pela Agua de Meninos e vi pelas cochias uma porção de carneiros, cabras e bódes; por isso pergunto.

—Ca, ca, ca, ca, ca!

—E o Sr. a rir-se!

—E' que os bichinhos são de gente de caza, dos officiaes por exemplo.

—E comem então à custa do governo!

Está bem bello!

—Ainda hei de ser barão!

—Serio? Que destino tem?

—Criar porcos.

—Barão para criar porcos?

—Sim, Sr; porque é prohibido criar porcos na cidade e o Sr. barão de Cotegipe os tem á vista do publico, em chiqueiro, na baixa do Bomfim.

—Então acho bom; si puder, pegue.

—Não se importe, Sr. Malacachias, com os zoilos que continuamente procuram feril-o.

—Olá!

? Zoilos, *criticns e criticos*, estremecei, rugi, mordei-vos!

—Os que pugnam pela liberdade são apontados como homens de saos principios.

—Não tem nada, Malacachias, podes escrever pura tua terra!...

Ja ha quem te chame honrado.....

- E' bonito luctar contra potencias quando a causa é justa.

—Toca a musica!

Bum, bum!

Um throno a Malacachias, meu povo! um throno erguido por sobre as ruinas das cazas d'Ajuda, ou por sobre as cinzas de um padre assassinado!

—Não sei para que Deus me fez *macho*!

—Porque? quer ser *femen*?

—Ha nada melhor! Além de comersem trabalho, ter distincção e honras, entra-se nos templos de chapeu á cabeça, estando exposto o SS. Sacramento!

—Quem lhe contou isto?

—V. é tabareu; é cousa que se vê todos os dias.

E ainda no dia 8, na Conceição da Praia, só não viu quem não quiz.

—Pois acho melhor ser em todo caso homem e não trazer nada á cabeça.

—Oh! fardamento dos guardas de policia aqui na praia!

Morreriam affogados?

—Ora!...

Eil-os alli boiando; estão a tomar banhos nus, ás 11 horas do dia, sem respeito ás familias aqui do Porto do Bomfim!

—Veja que policia! reus de policia policiando!

—E o Pitta está bem vexado; não pode chegar mais á janella; todos os dias é isto....

—Que policia!

—Mas quem tem a culpa? Os chefes, que são quem planta a insubordinação.

—O *Liberal* diz que o Exm. Sr. presidente mandará pagar aos guardas nacionaes aquartellados que são artistas *empregados publicos*, o vencimento de operarios e não o soldo de guardas.

—Acho bom; mas os artistas que não forem empregados publicos, chucham o dedo, não?

—E' o que parece.

—Pois olhe o *favorão* que o *Liberal* apregoa torna-se uma clamorosa injustiça.

—Dizem que andam tres sujeitos a impingir dinheiro de cobre prateado por prata; um dellos tem o nome com as seguintes iniciaes: S. M. P.

—A policia que os procure e castigue.

—Valha-me o Senhor do BOMFIM!

—Encommende-se antes á alma do MANUEL PEDRO.

—Não vê aquelle negro? Tinha em caza uma negra que admittiu em sua companhia uma parda, que foi sua perdição. O negro que é barbeiro despediu a negra, relacionou-se com a parda, e a negra, adoeccendo, foi para o hospital, onde morreu, de paixão talvez.

—E que interesse tem isso?

—E' que eu queria pedir ao capitão do «Alabama» que mandasse esfregar o negro.

E onde mora elle?

—Estou com *preguiça* de dizer.

Mas, olhe que elle tem um conmente sapateiro que mora lá para S. Pedro Velho.

—Como chama-se?

—Por S. *Porphirio* que me não lembro, mas creio que é Alexandre.

—Pois vá ter com o aspirante e deite-me.

LA VAE VERSO.

Despedida de um marujo portuguez.

Adeus malhada, qu' eu parto,
Bou longe de ti biber;
De aturar-te estou já farto,
E' preciso libre ser . . .
Bou esse mundo correr
Eu vusca d'outros amores
Que, menos amoladores,
Do que os teus, malhada, são
Deem alibio ao curaço
Do peso de tantas dores.

Irei à França e á China,
Ao Chili e á Patagonia
Em vusca d'uma Zelina,
D'uma Tecla, ou Apolonia,
Que seja menos demonia
Que tu, Narciza, o tens sido,
Que me has envrutecido
Por tal forma o curaço
Que quando apalpo no peito,
Acho uma couza sem geito
Um berdadeiro aleijão.

Por isso bou currer terras
E bisitar nobos lares,
Andar por montes e serras
E sobre as aguas dos mares;
Abêr si n'outros olhares
Mais meigos, mais seductores.
Encontro nobos amores
Que tenham certa doçura,
Que sejam quasi melado
Que tenham o adocicado
Dos molhos da rapadura.

Que tú, mulher imprudente,
Com pretensões de sautinha,
E's em figura de gente
Mais féra que uma doninha...
Mas deixa minha sonsinha;
Depois destes laços rôtos
Não has de dar mais arrotos,
Como aquelles que tu dabas,
Quaudo mettias no buxo
De doces um papeluxo
Que á minha custa chuchabas!

Portanto, filha, procura
Si encontras um nobo paio...
Eu digo-te e com frescura,

Em teu amor mais não enio...
 Nem mesmo ja me distraio
 Pensando nas caveçadas
 Que demos pelas escadas
 Na noute daquelle vriga
 Em que me deste, malbada,
 Com uma vota engraxada
 No curuchêo da varriga.

Agora, ponho-me a pannos,
 E bou-me nesta maré,
 Antes que nobos enganos
 Protéstes á falsa fé:
 E bou sem tomar café
 Somente p'ra mais não ber-te;
 Quero de bista perder-te;
 Affastar-te aos olhos meus,
 P'ra a vordo dizer contente:
 —Fica-te, miuha serpente,
 E dar-te o ultimo adeus.

(Extr.)

A PEDIDO.

Antonio Soares Falcão pede á redacção do *Alabama* declare si partiu del-
 le alguma publicação que se referisse
 á *Santinha*.

Nem conhecemos a pessoa.

A Redacção.

N'uma publicação feita no *Alaba-*
ma, em que vem o nome d'um Hde-
 fonso não se deve intender Hdefonso
 Lopes da Cunha, que nos pede a pre-
 sente para salvar seu credito.

A Redacção.

N'um a pedido inserto no *Alabama*,
 que tracta de valentão e vapores, nem
 de leve se quiz tocar na pessoa do Sr.
 tenente Alves, o sim na de um capa-
 docio bem conhecido que existe entre
 os serventes da companhia Bahiana.

O Leoncio.

Dá-se uma gratificação no valor
 d'um cavallo furtado a quem desco-
 brir os titulos em virtude dos quaes
 pelo tribunal do Commercio foi nome-

ado avaliador do diversos objectos o
 prestante eiddao Lazaro Candido Vi-
 ana.

O Paranhos.

THEATRO.

RUA DAS COCHEIRAS.

Teve logar o beneficio do gallego e
 de sua cara metade: estreou a actriz—
Mãe Maria.

O espectaculo foi divertido: *Mãe*
Maria que ja foi soffrivel na escola
 antiga, hoje está insupportavel, decla-
 clamou a não poder mais!... Teve de
 certo saudades da *Nova Castro* e do
Antonio José. A actriz Dalila pés de
luncha com sua rouca voz, e com a
 competente giba espichou-se no dra-
 ma; e toda chorosa recitou uma pœ-
 sia, que assassinou horriavelmente. O
 actor gallego estava contrariado, é mal
 que o ataca sempre que representa
 com *artistas mediocres*... Cremos pô-
 rém que elle estava com algum *peso de*
cabeça, ou com algum ataque de *estu-*
pidez; fosse o que fosse, o certo é que
 quando esse *herôe* teve de fallar no
corset de Napoleão apontou para si...
 Foi a consciencia que o acensou.

Distinguin-se o prior de calças bran-
 cas, nem só em scena, como fóra d'el-
 la. Depois do espectaculo houve em
 caza dos beneficiados *pagode grande*,
meza lanta de parús, *capões*, *lanternê-*
ta, *juripingu* & &.

N'essa occasião *Juia D. Linda* fez
 um discurso comico que principiava
 por este aproveitavel pensamento:

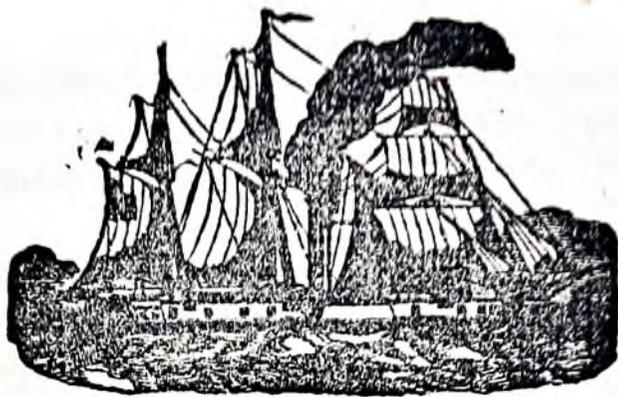
Quem diz theatro, diz intriga...

Depois disto fizeram-se diversos
 brindes a *Sinhá Maria*, a sua linda fi-
 lha e a seu desditoso genro.

E assim:—

«Finda a partida e mais do que medonha

«A noite começou da bofetada



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª

BAHIA 14 DE DEZEMBRO DE 1864.

N.º 146.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17:
a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 13 de dezembro de 1864.

Officio ao Exm. presidente da provincia, pedindo-lhe providencias para que cessem a arbitrariedade e abuso contra a liberdade individual, que se estão dando actualmente nesta cidade de serem *recrutados* pelo batalhão de S. Pedro individuos que nunca foram qualificados: sendo este acto acompanhado de não pequenas violencias e coagindo-se o cidadão a passar pelo menos uma noite n'um immundo calabouço até verificar-se si é ou não guarda do referido corpo.

—A'camara municipal, pedindo-lhe, apesar de nunca attendidas as queixas, que se digne lançar suas charidosas vistas para um cano que mandou fazer o Sr Martins Torres em suas cazas á Saude e que vae desaguar no meio da rua do Jogo do Lourenço, com grande detrimento da saude publica e incommodo de alguns vizinhos, impedidos de abrir suas portas pelo insupportavel cheiro que exalam as aguas servidas e materias feacas que alli vão ter.

(Officiou-se no mesmo sentido ao Sr. Dr. inspector de saúde que já alli morou).

—A' mesma, pedindo-lhe que mande limpar um grande monturo que existe na rua Nova de S. Bento, no qual ha constantemente gallinhas, cães mortos e muitas outras immundicias, que muito incommoda aos moradores daquela rua.

—Ao Exm. Sr. inspector d'alfandega, participando-lhe que nos informam que o patrão empresta dinheiro aos marinheiros com excessivo juro, dando, por ex.: 20\$000 rs. para receber 25\$000 rs., o que faz, dizem-nos, na occasião do pagamento, ficando os marinheiros sem real para satisfazerem suas dividas, visto que lhe exhaurem o dinheiro a usura alheia e a imprevidencia propria de certas classes infortunadas.

Espera-se de S. Ex. providencias no sentido de obviar a continuação desse escandalo.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias contra uma porção enorme de meninos e moleques que se reúnem á noite no adro do Boqueirão, afim de atropellarem aos que passam. Esses meninos, além das in-

numeras palavradas que proforem, insultam o dono de uma venda que ha junto a igreja, pregam com allinetes as senhoras do capona, dao pancadas nas pretas, atiram pedras nos cavalheiros, o até na noite de sabbado, um delles, conhecido por Santa Mazonna, de nome Luiz, caixeiro do Sr. Gouveia, despachante d'alfandega, picou o cavallo d'um cavalleiro, deitando-o quasi ao chão, a ponto de o homem, fora de si, querer matal-o!

—Ao Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que na rua da Ordem Terceira ha um alconce pertencente a uma mulher conhecida pela *Meia noite*, onde a moral e honestidade são ultrajadas a cada passo, e as desordens á noite succedem-se umas ás outras; pelo que pede-se a S. S. providencias para socego dos moradores d'aquella rua.

—Regularidade de serviço, só da nossa policia!

—Que ha?

—Em quanto uma duzia de soldados prende um pobre menino por desconfianças de que no meio de centenas de pessoas dera fóras ao fogueteiro, seis capadocios no Maciel de Baixo insultam uma familia com os termos os mais obscenos, e insultuosos, e não passa um soldado que os faça conter!

Atraz da Sé, dous negros espancam uma mulher á sua vontade!

—Viva o progresso!

—Os chefes são quem planta a insubordinação, disse outro dia o Sr. Provo.

—E' o que corre; é voz publica; mas posso-lhe apresentar um facto.

Estava eu em caza do subdelegado da Penha, quando alguém queixou-se a este de um guarda que o maltrac-tava. O guarda continuou a ameaçar o

sujeito, apesar de constantemente reprehendido pelo subdelegado.

Depois de muitos desaforos que o commandante de policia sabe bem quaes foram, o subdelegado prendeu o o guarda e efficiou ao commandante.

A' noite o guarda estava em Itapagipe passeiando pelas barbas do subdelegado!.....

Quer mais claro?

—Não faz mal, não.

V. sabe do que fez um guarda de policia com o chefe de policia?

Disse-lhe tambem muitos desaforos, na repartição, na vista de quem entrava, porque o chefe observou-lhe que o cavallo não estava bem lavado.

—E nada soffreu?

—Ora! O presidente e o chefe mandaram-no immediatamente para a tropa de linha.

—Eis ahi porque eu dizia que são os chefes quem promove a insubordinação.

Quando o desrespeito é feito a elles, tropa de linha, ou bordo de fragata no caso; quando é feito a algum subdelegadinho... historias!

Elles que se aguentem, tollos d'um dardo que *vivem se empenhando* para occupar logares que não rendem!

—Calemo-nos! O Sr. Joaquim Mauricio, Marinho, Villaboim e Luiz Antonio são brancos, comem seu toucinho, por lá se hajam.

—Que duvida! que duvida!

—Capitão, eu bem lhe dizia que o mundo estava para se acabar.

—Seriamente? Apareceu o cometa?

—Mas appareceu um *planeta* ca pelo baixo mundo e veja que cassuada!

—Que bixo é esse, rapaz?

—A lua dentro da terra, capitão de minha alma!

—Ora rapaz! E' a gente do mundo da lua da cidade baixa que te mette medo?

Ca, ca, ca, ca, ca!

—Ora viva, capitão!

E' um *satellite* furioso, que abalrôa a quantos encontra.

E dizem que não é a primeira vez; faz uma barulhada dos diabos! E a graça é que como anda com a vista escura, põe de medo tudo escuro.

Dir-se-ha que esta Latronopolis está encantada?

—E que tu és alguma alma penada?

—Tambem não duvido; mas peça V. Ex. a Deus que o livre d'um encontro quando a *lua* estiver *cheia*.

A *lua* macho é tal que tem grande inimisidade com as mulheres, — faz-lhes o diabo em caza, maltracta-as...

—E' antigo; sempre ouvi mulher queixar-se de *lua*.

—E ficamos então sem remedio?

—Ora! nesta terra tudo anda *alua-do*, rapaz; á força maior cede a menor.

—Pois vou me queixar á policia.

—Para que quer Vm. a certidão? Vae processar o inspector?

Vae mettel-o na gazeta? Que vae fazer? Diga, *doutor*.

—Quero a certidão para um documento, um corpo de delicto....

—Ca, ca, ca, ca, ca!

Ora isto!

Custa, meu charissimo Sr., reis dous mil.

—Sim, sim; queira passar bem; adeus.

—Meu amigo,

Genipapo de moleta,

Quem não pode, não se metta,

Hoje de graça, só os cachorros; ninguém aqui é seu criado, nem está prompto para satisfazer seus caprichos.

LA VAE VERSO.

Epigramma.

No *cume* de minha serra
Eu plantei uma roseira
Quanto mais o *cume* brote
Tanto mais o *cume* cheira.

Em tempo da invernada
Que a planta do *cume* lava
Tanto mais a chuva molha,
Tanto mais o *cume* dava.

Quando as aguas são correntes
Que o *sujo* do *cume* limpam,
Os *botões* do *cume* abrem,
As *rosas* do *cume* grimpam.

Estou pois capacitado
Que no tempo de tal réga
Todo o arbusto cheiroso
Metido no *cume* pèga.

(*Extr.*)

A PEDIDO.



—Quem é este magano de cazaco o commenda?

—E' um sujeito que *luz*.

—Que linda *scena*! E' vagalume?

—Não, Sr.; é bicho que fugiu dos *matos*, mas anda agora, no meio da gente, e até mettido em politica.

—Serio?!

— Sim, Sr.; escreveu grande somma de asneiras progressistas n'uma folha *diaria*; depois... depois...

— Depois de que?

— Devo calar; mas enfim... depois... homem, dizem os meninos da Candinha, que elle foi um dos que quebraram a taboleta do consul americano.

— Que bicho damnado!

Tem chifres, quebrou com a cabeça, ou com as patas?

— Com as patas; mas repare V. Ex. que o bicho quer passar por gente, em quanto ha muitos que passam por bichos.

— E' então um perfeito moleque, quebrador de taboletas...

— E' tudo o que quizerem que seja nesta terra um cousa ruim; para mim é apenas um tolo refinado, um bobo perfeito, um desfructavel no rigor da palavra, um insolente na extensão do termo.

(*Continúa.*)

— Então, Sr. inspector, que novidade ha?

— Deixe-me! estou indignado.

— Porque?

— Um pretinho, devoto de S. Paulo, metteu trinta mil rs. n'um *pires*, dizem, e mandou-o levar a um subdelegado de Latronopolis para ter ordem franca de fazer seus candomblés, quando lhe aprouvesse.

— Quando foi isto?

— Já ha muito tempo, mas ainda é tempo de V. Ex. dar as providencias.

— Valha-nos Deus!

— Com a poderosa intercessão do milagroso S. *Symphronio*.

Lendo o *Critico* de 10 do corrente, nelle deparei com um artigo que se referia a um procurador.

Tenho a responder que desde 22 do passado estão os autos com vista ao curador da menor.

A respeito de mandado de captura, provém a demora d'estarem os autos tambem em mão do curador da menor.

Quanto a recebimento de dinheiro, ninguem hoje trabalha de graça; o *interessado* é uma prova viva disso, que o redactor do *Critico* bem sabe.

Concluindo devo dizer, que esta resposta é dada, somente em consideração ao publico.

* * *

Declara-se solennemente a Xico Amor-rir Facão da Matança Junior que são sobejamente conhecidos seus principios, sua origem, sua descendencia, seus feitos; pelo que não é conveniente que continue a detractar de caracteres que estão muito superiores.

O engeitado.

ANNUNCIOS.

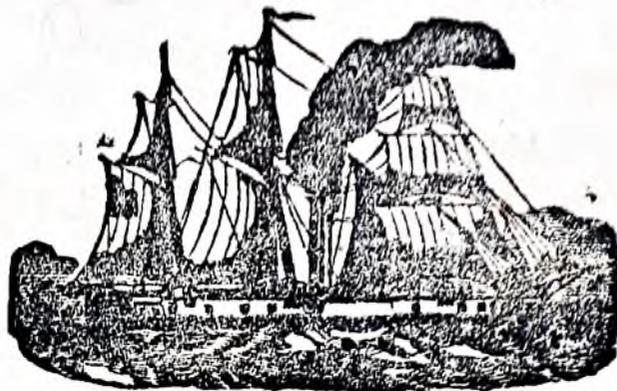
Pede-se a certo accendedor da illuminação a gaz o favor de ir pagar, á venda ao largo do Theatro, o que deve de logos tomados por Santo Antonio e por S. João. Roga-se este favor por S. *Miguel*.

— Meu amigo, si for ao Rio Vermelho e vir lá aquelle homem que padece do mal dos *lazuros*, diga lhe que por S. *Francisco*, vá pagar os 27\$200 que deve ao Caes Dourado n. 67.

— Pois não, Sr. *Mello*.

Pede-se a certo pintor da Sé o favor de ir pagar, á venda : o largo do Theatro, o importe dos generos que comprou na mesma.

O Genezio.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.^a

BAHIA 15 DE DEZEMBRO DE 1864.

N.º 147.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17.
a 1^o rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 14 de dezembro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Br. chefe de policia, pedindo lhe providencias contra os innumerados cães que em *mutilha* infestam esta cidade, accommettendo os viandantes e incommodando-os, durante o somno, com seus rouquenhos aivos e latidos.

— Ao mesmo, pedindo-lhe que faça acabar com uma casa de jogo às Grades de Ferro, pertencente a um africano barbeiro, onde reúnem-se meninos, escravos, etc. etc.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que, acompanhado do muxingueiro, vá á venda na esquina do Terreiro casa n.º 41 e faça dispersar um ajuntamento de *moleques* que alli ha constantemente, devendo conduzir os que estiverem no caso para o exercito e marinha. Cumpra.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Pendão ou Vinte Um, pedindo licença para namorar todas as moças. — Dirija-se ao Miguel para amestral-o na arte que exerce.

— Capitão, viu o *Diario* de 13 do corrente?

— Não; que ha?

— Providencias acertadas do Exm. presidente da provincia acerca da guarda nacional e de obras publicas.

Exige do chefe do estado maior as razões porque certos commandantes não tomam conta de seus corpôs, os motivos porque não foram á parada do dia 2, a causa porque a ella não compareceram certos batalhões.

— Que mais?

— Expede ordens para o nivellamento do campo da Polvora e de Santo Antonio, e officia á camara para que mande melhorar as duas fontes publicas em que se provê em geral a pobreza, a do Queimado e a do Gama.

— V. o que é é um refinado ligueiro.

— Está V. Ex. enganado, Sr. capitão; sou amante da justiça. E para prova

de que não é por espirito do partido que louvo ao presidente, veja o *Jornal da Bahia* do 14 do corrente, que se encarrega de fazer-lhe o elogio.

—Ora não brinque!

—Veja, capitão.

—«E' com a camara.

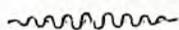
«.....

«Provavelmente a camara aproveitará o offercimento que *agora lhe fazem daquillo que tantas vezes lhe tem sido negado.*

«E *ben podia aproveitar ainda a epocha para a satisfação de outras necessidades urgentes do municipio*».

—Então é ponta ou cabeça?

—Tem rasão, tem rasão.



—De sorte que não se pode chegar á grade da Praça de Palacio!

—Porque?

—Olhe alli para aquellas bananeiras! Não sente o mau cheiro?

E' o logar que acham para despejo. E provavelmente é a guarda, pois certo estou de que as sentinellas não consentiriam pessoa extranha fazer dalli cloaca.

—Depois de Cambronne não só a palavra se encontra na bocca de todos, como a cousa em toda a parte.



—Menino, que diabo é isto?

E' cego? V. a dar esbarros em quem passa! E com um barril á cabeça em risco de jogal-o per cima de alguém!

—Perdão, Sr., não enxergo; por mal de meus peccados sou assim mesmo obrigado a carregar agua.

—V. é livre, ou escravo?

—Livre, mas orpham.

—Em casa de quem vive?

—Do meu mestre.

—Quem é elle?

—Um alferes.

—Aprendo manobras militares?

—Não, Sr; elle é marceneiro.

—Como se chama?

—*Joaquim da Costa.*

—Filho, tenha paciencia.

—Ai, meu Deus!

Valha-me S. Pedro!



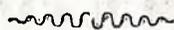
—O guardião de S. Francisco queria á força que um padre que tinha *feito tenção* de dizer missa por alma de um, celebrasse pela de outro.

—E insistiu!

—Foi preciso que o *seu* freguez dispensasse o padre, tirando-o do aperto em que estava!

—São cousas.

Nasce de cima a corrupção dos pevos.



—Capitão, venho contar-lhe um caso que se deu por occasião da festa de Nossa Senhora da Conceição dos Artistas.

—Diga-se.

—Junto ao altar de Sant'Anna, havia uma cadeira rasa em que se achava sentado um padre á secular. O grande Fr. Soledade fel-o levantar-se, reprehendendo-o, e virando a cadeira de pernas para o ar.

Sabendo depois que faltava com um padre, deu-lhe mil satisfações e retirou-se.

—Que ha nisso? Reconheceu o erro, pediu perdão.

—Mas o perdão pediu elle por saber que o individuo que estava sentado é um padre. Mas si não fosse? Haveria crime? Si houve falta, era digna de tão acre censura em publico?

Acho que não; parece-me que o que mais offende a Deus são os hypocritas, contra os quaes tanto clamava o Divino Mestre; os padres devassos e immoraes que levantam-se do leito crapuloso

para sacrificarem, ou os perversos que abusam do confissionario para seduzirem a virgem, a cazada, ou a viuva.

— Sim, sim, tudo isto é assim; mas que se ha de fazer?

— Dizer com o Divino Mestre: Pater, dimitte illis quia nesciunt quod faciunt.

A PEDIDO.



— Um tollo refinado, um bobo perfeito, um desfructavel no rigor da palavra, um insolente na extensão do termo.

Ponha-me isto em pratos limpos.

— Tolto, bobo e desfructavel são tres termos distinctos e um só significado verdadeiro.

E' pateta, mal que lhe vem da geração; anda pela rua a rir-se, a sacudir as pernas, a olhar para as moças, a fazel^{as} rir etc. etc.

Quanto ao ser insolente, o facto de se adiantar com as moças prova-o.

E depois o patife. . . . o patife é tão patife que fez uma patifaria, que se não fora julgar eu que o patife se vangloriaria, referia-a neste momento com todos os seus accessorios.

— Disso sei eu bem; consta-me que

correu pelos fundos de uma toça e depois pelos Curraes Velhos em fraldas de camisa, a pedir misericordia.

— Não, Sr.; em chambre foi elle recolhido á prisão, depois de ter levado na cara chicote (que é cousa que o dono da casa vende).

Mas o que me indigna presentemente é o atrevimento do patife. . . .

— Que faz?

— . . . em passeiar todas as noites pelo Barbalho e Fonte das Pedras, sem o menor acatamento ás pessoas que o conhecem e que só com asco o podem encarar, vendo nelle um infame seductor, um criminoso que reincide, um diabo que intendeu a todo transe dever perder uma senhora. . . .

— Um *renitente*, como dizem os capadocios.

V. não diz que o homem dá luz? Que quer? um homem *fogoso*, um homem de fogo!

— A' falta de chicote, capitão.

Si o dono da caza o apanha, e refresca-lhe a mascara. . . . Oh! ventura!

(*Continúa*).

Triumpho dramatico da noite de 2 de dezembro.

Principiemos pela decoração do theatro: estava enfeitado de bandeirolas, externa e internamente, apresentando um aspecto marcial, até pela particularidade das bandeirinhas da companhia Zuavo estarem nos camarotes.

As sanefas, que adornavam os camarotes tinham certos visos dos antigos rodapés.

Nos corredores viam-se, sobre vellos aparadores, bojudas jarras nas quaes sobressahiam as mangeronas e espirradeiras.

Estava d'encantar!?

Na platéa os *pellados* acotovellavam-se, e limpavam-se á espera do impagavel *Califourchon*.

Subiu o panno.....

Houve uma somma total de 12 *bouquets*, distribuidos e jogados calculadamente nos tres actos.

A rainha do palco estava admiravel—quando ella na scena assobiava os *pellados* na platêa cochilavam.

Para dar realce ao triumpho um *pellado* rumorejou um madrigal à guiza de elegia.—Não se contentaram com isso, queriam maior triumpho e gritaram desastradamente pela representação da *Corda Sensivel—Califourchon* porem não os attendeu.

Ficaram desapontados, e para darem pasto á desenfreada sanha injuriaram e espancaram a um moço, dentro do theatro.

A intervenção da policia dispersou a cáfila de aotinadores.

Na porta do fundo do theatro uns 30 *pellados*, com uma muzica, esperavam pela charolla, que tinha de levar em triumpho o decantado par.

Mas a charolla não appareceu! Terrivel decepção!

Seguiam, portanto, a pé; um barbeiro, porem que tem nome de macaco, no intuito de servir bem ao casal, offerceu-se para servir de cavalgadura—nem p'ra isso quizeram o manhoso bicho.

Chegaram, finalmente, entre os uivos ao ponto desejado.

A meza estava servida: succulenta feijoada de caveira refocitou-os das longas fadigas.

Um moço orador, e auctor da comedia *Uzura sem resultados*, n'um discurso de arromba demonstrou, que sem o equilibrio da maromba se podiam atravessar innumeradas *pontes* com tanto, que na testa se trouxesse algum galho de *oliveira*. Que brilharetur!

Voltaram quando não havia mais que *devorar* e às 2 horas da madrugada ainda, em certas ruas, se ouviam os uivos d'essa turba desenfreada.

Tal foi o immenso triumpho, que colheu o decantado *Califourchon* na noite de 2 de dezembro.

Carta dirigida a um *pellado* por um *pellado*, acerrimo «leolindista».

«Não obstante eu ser de uma grei diversa da sua, venho confiado na bondade que lhe caracteriza, que esqueçamos por um momento os sentimentos de nossa alma, assim de prestar-me o maior dos serviços que V. me pode fazer.

«Sabe que sendo *leolindista* ando sempre no meu bando, e de vez em quando saltam-me os cobres, pois nem sempre a mezada vae ao dia 20, quanto mais ao fim do mez.

«É verdade que minha mezada não é pequena, além disto tenho uma pensão que me dá um amigo sincero (não para fins illicitos) porém as despesas são muito superiores, principalmente agora que é preciso pagar cerveja, champagne etc para os correigionarios, afin de merecer elogios diante de nossa Deusa, sob pena de não obter della nem um sorriso.

«Estes e outros motivos me obrigaram a contrahir dividas, com o sapateiro, alfaiate e no Porto do José (como vossês chamam). Já vê, que a precisão é urgente, e confiado na bondade de um coração tão generoso como o de meu amigo, conto ser servido.

«A quantia é de 50\$000 rs. os quaes lhe pagarei por todo o mez de janeiro.

«Si V. não me servir terei de sofrer uma grande decepção, pois talvez o José do Porto não continue a liar de mim».

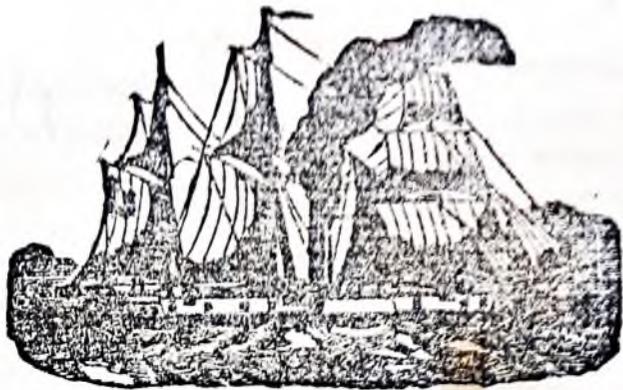
Seu amigo,

Fulano.

ANNUNCIO.

—Meu amigo, si for ao Rio Vermelho e vir lá aquelle homem que padece do mal dos *lazaros*, diga-lhe que por S. Francisco, vá pagar os 27 e 200 que deve ao Caes Dourado n. 67.

—Pois não, Sr. Mello.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª

BAHIA 17 DE DEZEMBRO DE 1864.

N.º 148.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17.
a 1.ª rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 16 de dezembro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que no *café sem economia*, joga-se escandalosamente dia e noite, sendo que o seu proprietario alardeia que assim o pratica pela protecção que tem da authoridade do logar.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá a rua do Saldanha e intime a uma tal *Menilha* que deixe de praticar obscenidades, insultando a vizinhança; assim como que despeça de sua caza um certo *quidam* que sempre la está nú, privando de chegar á janella as familias que lhe ficam fronteiras, sob pena, no caso contrario, de serem ambos conduzidos ao porão para se entenderem com o muxingueiro. Cumpra.

—Ora com effeito!

Pois pela ladeira do Pilar é que passam carroças!

—O Taboão está impedido.

—Mas nesta ladeira, si descambar uma carroça, ai de quem estiver na frente!

E depois o perigo que corre de rolar pela ribanceira; a rua alli é tão estreita que em certos logares mal passa uma pessoa; o abysmo está alli.

Porque não passam pela Agua Branca?.

—E' muito longe.

—Pois eu sempre ouvi dizer que quem tem pressa anda devagar.

—Que diabo de tantos moleques! E quanta immoralidade praticam elles! E quanta algazarra! E quanto barulho!

—Veja alli aquelles cachorros! Quanta immoralidade! que algazarra! que briga dos diabos!

—Cachorro e moleque, moleque e cachorro, quem pode com elles sinão a policia? Taca n'uns e bolla n'outros,

veja que prompta cura! que remedio infallivel!

— Não é a primeira vez que a policia dá providencias.

Sr. Dr. chefe do policia, sentido nos moleques e nos cachorros!

— Viu o *Progresso* do dia 13?

— Está realmente engraçado!

Falla em hypocritas e zombaria d'estrangeros, em libertinos, prazeres, dignidade e brios; em traidores, illusão, canalha e asneiras; tudo referindo-se ao liberaes.

— E ameaça os reis!

«Ah! é certo: a inconstancia dos povos é a felicidade dos reis.»

— Negocio de comico; deixal-o fallar.

— Vê aquella venda alli na Quitandinha do Capim?

— Aquella da esquina? vejo e vejo dentro um caixeiro a dormir.

— Bello! Quem é o dono?

— O Jesuino.

— Pois faça ao menos uma obra de charidade; dê parte ao Jesuino do procedimento de seu caixeiro.

— Ora capitão! vim agora da casa de Correccão e fiquei envergonhado de ver o castiçal do official da guarda!

— Que tem elle?

— Não tem mais nem o bocal; tem apenas um *espeto* em que o pobre official luctou bastante tempo para metter a vela que afinal quebrou-se.

— Miseria! E que fazem os officiaes que não reclamam?

— E' que talvez não haja verba de receita para tal despeza.

— Aspirante, mande levar á casa de Correccão uma garrafa, em cuja

boca ficará sem duvida mais bem acondicionada a pobre da vela!

Nem tanto!

— Duas vestaes querem se defender das injurias que lhe fizeram.

— Quem?

— Dous ladrões, dous ladravazes; um gallego de *Vianna* e outro peralta que negocia em quiabos, aboboras, gilós e *limas*.

— Ah! muxingueiro!...

— Quer se servir dos seus prestimos?

— Pois não! Queria que me dissessem como é que em quatro annos esses gallegos ja tem milhões e no caso de não pode em dar satisfactoria resposta, o muxingueiro, á cada letra falsa que lhes apresentasse, á cada papel (moeda) falso que exhibisse, desse lhes com vergalhadas rijas.

— Muxingueiro!

— Prompto.

— Intenda-se com o aspirante.

— Quem está em scena é o Monte-Christo.

— Ressuscitou?

— Tambem não sei.

— Mas que Monte-Christo é esse?

— Eu lhe conto.

Figure V. Ex. um filho do Algarve, ou da Madeira com quatro annos de idade; traz á cabeça uma tina e ao hombro uma pá; percorre as ruas do Porto, limpando-as; ao meio dia chega á *Sopa da Charidade* e compra uma porcellana por 10 rs.; fede a alho como mulher parida a assafelida.

— Sim, sim; quero conhecê-lo logo; quem é? como se chama?

— Chama-se Monte-Christo *Moreira Santos*.

Depois, tem dez annos; bem mere-

cia ser atirado a um navio para visitar a *arvore das patacas*; mas falta dinheiro e o labreguito tem de servir para alguma cousa; é um aguadeiro.

— Oh! que diabo de Monte-Christo! E o condado?

— Mais tarde, capitão. Monte-Christo porém tem já algum dinheiro e está molecote de seus dezoito annos.

Embarca.

Um pontapé é o cumprimento que recebe a bordo, e depois visita-lhe o lombo um cabo de linho.

A esperança porém, o desejo de ver a terra da Promissão (sonhado e invejado El-Dorado, cujo terreno produz as taes arvores das patacas) consola o burrego, cujas calças e cujo corpo menos limpos se acham do que o convez do navio que é diariamente obrigado a lavar.

— Mas sim, que teve por fim o diabo do tal Monte-Christo?

— V. Ex. já quer o fim? Si agora é que estamos no principio! . . .

(Continúa).

— Que tem o padre Ayres que está tão damnado?

— Porque são oito horas da noite, e a procissão não sae.

— E que faz elle?

— Está á espera da guarda de honra, que, promettida, não sae.

— Pois si não ha tropa! . . .

— Sabe d'uma cousa?

— Agora.

— O Paulo Pereira Monteiro está ancioso por saber quem escreve no *Alabama* contra a companhia do Queimado.

— Ego sum qui sum.

— Pretende comprar.

— O padre Amaro ja respondeu-lhe: Triste da questao, cujos defensores julgam vencer comprando os arguentes!

— E depois é mais provavel que elles comprem os aguadeiros, os gallegos sem rei nem roque, que enriquecem d'um dia para outro, do que a quem nasceu, tendo ogerisa aos traltantes e ladrões.

— Mas a *Critica* defende.

— A *Critica* é incapaz de negar que as aguas estão *impurissimas* (palavra, ideia, verdadeira antipoda do que affirmou o Dr. Goes). O mais é inimisade com o padre.

— E com effeito alli ha cousa; apesar da *pressa* do Dr. Goes, nada de parecer da commissão!

Despede-se um, entra outro; sae este, vem aquelle. . . .

— Caveira de burro no caso. . . .

— Psio!

— Porque se espatifam aquelles moleques alli na Misericordia?

— Jogo de castanha.

— Brinquedo de meninos, bagatella.

A PEREGRINAÇÃO.



— Metten-lhe uma vez o porrete de rijo! O infame lançou-se-lhe aos pés o dono da caza den-lhe com elles á car e depois com chicote.

Mas agora. . . que o patife renova o desaforo, nada lhe basta

Pego á V. Ex. que mando o aspirante, acompanhado de alguns grumetes e de um rancho de moleques, precedidos do muxingueiro, fazer-lhe as contas.

Em qualquer lugar que o encontrem, devem prendel-o, raspar-lhe a cabeça, vestir-lhe o *chambre* em falta de camisolla, dar-lhe uma furiosa vaia, e depois o muxingueiro fará o resto.

—Que duvida! Vão ser neste sentido expedidas as convenientes ordens.



—O batalhão do Principe dos Apostolos tem de fazer agora novo uniforme consta-me que bonets e até sobre-casacos.

—E a quem darão a obra?

—Provavelmente a um infeliz artista, que ha oito annos espera pelo seu dinheiro, quando preparou as primeiras gorras que o batalhão usou.

—Pode ser; é cousa para mim certa, desde que os chefes do corpo são pessoas dignas e justiceiras.

—Ora veremos.



—Que inspector dos diabos!

Prende a quem conversa com uma *menina feliz!*

Isto é que é ser acatador da moralidade publica!

Pois olhe, Sr. Leopoldo, lembre-se de que seu padrinho já morreu.

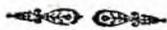
Não se queixe si alguma cousa for-lhe ao beque de prôa.

Veja que os que se exaltam serão humilhados.

Adeus. Si tiver alguma resposta, mande-a pelo correio que ha no Caes Dourado.

Adeus, meu tollo.

Um que não gostou.



Frevine-se ao auctor dos pasquins impressos na *Catana* de 6, 10 e 11,

do corrente que vá dirigir seus insultos á gente de sua laia no largo do Theatro e não se lembre de quem se acha em superioridade ao menos em sentimentos, porque do contrario passará pelo dissabor de ouvir o que talvez ninguem ainda lhe tivesse dito.

Unicamente adverte-se-lhe isso por ora.

A.

ANNUNCIO.

O abaixo assignado declara que deixou de ser seu caixeiro o Sr. Alvaro Rodrigues Coelho, pelo seu procedimento irregular.

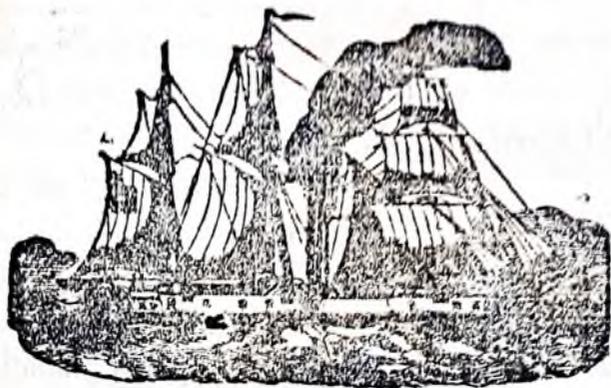
Este Sr. tem uma amazia a quem sustenta com filhos, e quando queria ella passear pa a ver *fogos* e outras *funcções*, fechava elle a venda que só no outro dia pela manhã abria, levando em seu poder as chaves, sem dar a menor satisfação, deixando de pernoitar na caza em que com o abaixo assignado morava; isso tão repetidas vezes que obrigou o abaixo assignado a tomar-lhe na rua as chaves, na occasião em que se dirigia elle para a caza de sua amazia, na noite de 5 do corrente, deixando-lhe com tudo por sua salvaguarda a chave do cadeiado.

E depois houve um deficit de reis 72\$055 no curto espaço de 4 mezes e 10 dias em que elle esteve na venda n. 23 á rua do Bispo; pelo que se pode av.liar o damno havido em 8 mezes em que elle esteve na mesma caza sem balanço.

Por estas razões, e ainda mais pelo insolito procedimento do mesmo Sr. viu-se o abaixo assignado obrigado a fazer o presente.

Bahia 16 de dezembro de 1864.

Bernardino Barboza Lisboa.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.^a

BAHIA 19 DE DEZEMBRO DE 1864.

N.º 149.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 1
15 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do
«Alabama» 18 de dezembro de 1864.

Ordem do dia.

Sendo o dia 21 do corrente o primeiro anniversario da chegada do *Alabama* a este porto, e convindo commemorar um tão faustoso dia, que recorda para a igreja christan o triumpho e o martyrio de um dos seus apostolos, que por ella deram a vida, o inclyto S. Thomé, e para os homens de bem a victoria moral da honestidade sobre os ladrões — o commandante do *Alabama* ordena que ao nascer do sol, esteja o navio todo embandeirado, dando-se uma salva de 101 tiros, que sera repetida á uma hora da tarde e ás seis.

Todos os Srs. officiaes são obrigados a comparecer ao cortejo, que terá logar á uma hora da tarde.

Toda tripulação trajará o uniforme de grande galla e o muxingueiro com sua gente deixará ver a luz do dia a todos

os tratantes que se acharem no porão, para mais pesada lhes ser a nova privação da luz e da liberdade e a ausencia dos bens que roubaram.

Latronopolis era ut suprà.

O capitão do Alabama.

Está conforme.—O immediato *Lima Barboza.*

—Ainda o corpo de policia e sua desmoralisação!

—Encontrou algum guarda a jogar castanha?

—Peior.

—Empinando arraia?

—Deixe-me.

—Não é novidade.

—Mas foi cousa peor.

—Pois diga.

—Nas Portas do Carmo, no dia 11 do corrente, um guarda de policia insultou positivamente a dous guardas nacionaes do 2.º, chamando-os *pitús* e ameaçando-os si *encostassem*.

—Bagatella!

Entretanto o commandante ha de dizer que é um guarda prompto e sem nota, como attestou a respeito do que desrespeitou o chefe de policia.

— Olhe que Latronopolis!

— Já começa.

— É a época dos testamentos falsos.

— Mais outro?!

— Causa nova, uma especie de *universidade* em quo entraram tabelliães (gente necessaria)  medicos, musicos, e empregados publicos.

O medico era o *Adonis* da caza, e era o principal herdeiro.

— Quem é o magano?

— Um moço moreno, bonito, dengoso, deputado, *hygienico mané, mingü, chalça* etc etc. e tal.

— Sei já quem é; é um bom patife, que vive a deshonnar as senhoras cazadas, com uma das quaes vive; o pae da filha da *Janinha*; um que desflorou...

— Cale-se por ora, meu moço. A *causa* ainda está fresca, não faça barulho; deixe passar os oito dias do nojo.

— Ora speremos pela *passagem* do interro.

(*Ccontinúa.*)

— Quando se diz que o *Alabama* falla verdade, certa gente não gosta. Entretanto elle fallou que era mau o quebrar-se pedras, dentro da cidade, visto que n'Agua Brusca, tinham os estilhaços cahido em cima da meza do Sr. Jambeiro, que mora em S. José—e no sabbado, á ladeira da Misericordia, saltaram as pedras por cima de sobrados de quatro andares e foram cabir no Corpo Santo!

Uma quasi mata a sentinella do correio, a cujos pés cabiu; outra feriu o pé d'uma crioula que passava, tendo-lhe antes cahido n'um balaio que trazia á cabeça!

— Bagatella! Perca-se um para salvarem-se todos! Quo importa que morra um ou outro quando *breve* teremos premta a ladeira?!

E como se chama a crioula?

— Olympia Muniz Barretto; creio que vende nas barracas de Santa Barbara.

— Nem por isto?! Pois o Sr. Aquino não vê que si morrem as ganhadeiras, fica elle sem freguezas?!

— Mas é que o contracto já lhe não pertence.

— Ah! sim!

Mas fallando serio: E' preciso acabar-se com esse abuso.

Não é possivel que entre duas ruas muito habitadas e transitadas se esteja a quebrar pedras por meio de tiros.

Com a vida do povo não se brinca.

Quem for o incumbido de providenciar, que dê as providencias!

— ~~—~~ —

— E os homens dos carros...

— Os carroceiros?

— Não, Sr ; os amigos da nova companhia de vehiculos, maxambombas, ou como melhor nome tenha

— Mas que houve?

— A embirrarem para ter privilegio! E dizem: O Ariani é careiro, dê-mos privilegio.

Innocentãos!...

Tem mais pena do povo do que o mesmo povo!

De maneira que quando chegar a *barateza* para os defantos, os vivos são tão tollos que procurem a *carestia* do Ariani!

— Mas o *M M* do *Liberal* diz que a salvação publica é a lei suprema; que sabe que a concurrencia é um bem, mas que é preciso *matar Ariani, porque é judeu*, dando-se á companhia futura o privilegio dos interramentes.

— Mas privilegio por que? Que invenção trouxe a tal futura companhia? Ainda que haja privilegio, não pode elle affectar ao Ariani nem ao Para-assú que já tinham empreza antes do privilegio.

Para que pois se cauçam?

—Mas dizem que a Misericórdia tem privilegio; que só querem contractar com ella.

—Pois então. . . .

Ora pecegos! ou *uvas*, como disse o padre Amaro ao Sr. P. P. Monteiro.

—Quero ver, quero ver.

—Pois não ha de ver, não. Diga ao tal *M M* que é melhor que elle lembre o *suprema lex* quanto aos viveres.

Aposto que então elle será o p. primeiro apostolo da liberdade do commercio e garantia da propriedade. . . .

Maganos! . . .

—Mas a companhia é boa.

—E' boa, sim; mas por isso que é barateira, que é bem fundada, que tem por agentes, gerentes ou accionistas grandes capitalistas, é que se pode sustentar, prosperar e viver, sem o odioso d'um privilegio que é um abuso, um contrasenso, um escandalo, um roubo!

(Continuação)

—Pois vamos com isso

—Ah! agora me lembro d'um ponto.

Quando *Monte Christo* embarcou-se, foi por avisado em sonhos.

Sonhou que estava n'uma prisão, em cuja vizinhança se achava o demonio vestido de padre; teve com este relações, mas em vez d'apprender sciencias conhecidas, aprendeu as interdictas, em cujo conhecimento se illustrou depois, como veremos.

O diabo porem fingiu que morria e lembrou-lhe a *arvore das patacas*, onde encontraria um thesouro.

—Fingiu bem o *abbade Faria*.

—Melhor fingiu o fingido *Monte-Christo*, que com gana embarcou immediatamente.

—Mas sim, embarcado, supapado, esmurrado, calabroteado, *Monte-Christo* chegou à *arvore das patacas*.

Mas não confiou como o outro em pessoa alguma, convidando-a para a caça; á caça foi elle só, que caçou toda a trampa que encontrou.

Quem sonha com trampa tem dinheiro; elle sonhou com dinheiro e achou trampa.

Foi grande a decepção.

Eram provações do diabo.

Insistiu; andou a percorrer os canos publicos; nada.

Um dia encontrou um homem que dando-lhe um *tapa*, tirou-o da posição em que se achava a mirar uma boca de lobo.

Levantou-se espantado e espantado olhou para o extranho que o mandava seguir.

(Continúa.)

A PEDIDO.

—Pedi demissão o chefe de policia.

—Sabe porque?

—Dão diversas razões; mas o que corre como mais exacto é a seguinte:

O Dr. Trasybulo, cunhado do Dr. Villaboim, escreveu a este, perguntando-lhe si lhe mandasse recrutado um *reu de policia*, si o Villaboim solta-lo-ia. Este responde que não. O *cunhado*, em vez do *reu de policia*, manda, segundo diz o proprio *Jornal*, um moço proprietario, arrimo de sua mãe viuva e de sua irmã *donzella*!!!

Apezar de tudo o *liberal* Villaboim quer sustentar o acto de seu parente, ao que oppõe-se o presidente da provincia. Desse choque provyio o pedido de demissão.

—Bem; mas porque mandou o Trasybulo recomendar anteriormente a *segurança* do recruta, sabe?

—E dizem-me que sua indisposição com esse moço provém de certos negocios particulares e de ser o moço pertencente á parcialidade do major Zepherino.

—Ah! quiqui!

O tal Trasybulo é da enchurrada

Pin'o Lima, com quem contavam os vermelhos o viram-se em branco; gente de todos os partidos que estão de cima, em prol da qual chegou-se a cassar um acto, riscando-se o nome d'um liberal antigo e honrado !...

—Razão pela qual o *Interesse Publico* rompeu com a liga.

—E como um de seus chefes era seu parente, o *liberal* Villaboim queria satisfazer seus caprichos, calcando a lei.

—Mas assim o *Interesse Publico* não pode defendel-o sem ficar em contradicção.

—A ser exacto, não pode, não deve.

Assim como diante da lei e dos principios devem cessar as considerações de parentesco, cessam tambem as considerações d'amisade.

—Ora veremos.



O Sr. Tranquillino teve comigo uma questão sobre cadeiras que lhe tomei emprestadas por occasião do fogo que teve lugar no festejo a N. S. da Conceição dos Artistas; e usando de maneiras pouco dignas envergonhou-me em publico.

Achou porém suas cadeiras, em caza d'um Sr. Job e veiu á minha caza dar uma satisfação.

Deve porém ser publica a satisfação, como publico foi o insulto.

Por isto venho hoje a imprensa declarar que foram achadas as cadeiras, e exigir do Sr. Tranquillino, á vista das disposições conciliadoras em que se acha, que venha á imprensa dizer ao publico que elle injustamente me offendeu.

Ludgero Augusto dos Santos.



Pergunta-se a um dos juizes de direito desta capital a rasão por que até hoje não deu andamento a uma queixa que se lhe fez contra quatro inspectores de quarteirão, desde o tempo da correição.

ANNUNCIO.

THEATRO DO ALABAMA.

ESPECTACULO EM GRANDE GALLA.

Quarta feira 21 de Dezembro.

anniversario da chegada do *Alabama* a Littletonopolis.

Depois d'uma ouvertura executada pela orchestra dos carcamanos, a companhia representara pela primeira vez:

OS MILAGRES DE S. CALOMBREIRO

ou os

LADRÕES APANHADOS.

Comedia-drama em 5 actos em que tomam parte *Cornel*, Mamarrote, Bigode de ferro, Mamede, conego Cyri, barão da Victoria, Amarellinho, Linguinha, Requeijão, Gravata, Dr. Chanchan, Dr. Freio de Cavallo, Dr. Em Beijos, Laso de Vianna, conego Roxo, vigario Abutre, padre e frade das Rozas, S. Calombreiro, Malacachias, e outros tralantes.

Por obsequio, o Sr. Nascido presta-se a tocar com sua gente a muito applaudida waisa—

O inferno em Muzica

ou os

MIA DOS DO COLLEGIO.

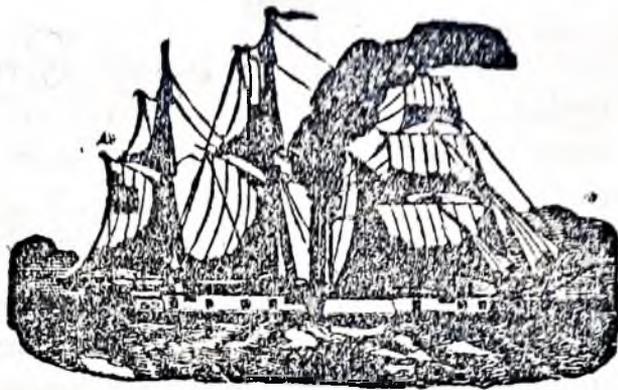
onde sobresabirá o *seu* applaudido trombone.

Seguir-se-ha a comedia em um acto:

Os hypocritas,

em que farão os principaes papéis o cossinheiro, o muxingueiro, o Dr. Ponche, o Fr. Solidão, e o Fr. Feridas.

Principiará depois que o capitão do *Alabama* der os vivas do estylo.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.

BAHIA 22 DE DEZEMBRO DE 1864.

N.º 150.

Publica-se na typographia de Marquês, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 47
a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Hoje, 21 do corrente não ha.

—O inspector d'alfandega demittiu o patrão usurario.

—Serio?

—Immediatamente, logo que se convenceu da veracidade da denuncia.

—Ora ali está para que serve um *paschim*. Si fosse algum tratantão de gravata lavada não dava attenção a *folhinhas*; como o inspector d'alfandega é um homem honrado, deu ouvidos á denuncia d'uma ladroeira, ou *maroteira*, e puniu-a.

—Eu sempre digo. Só odeia a policia quem é criminoso. Só odeia a gazeta quem tem rabo de palhas.

—E en só o que digo é que vivam os caracteres honestos.

—E eu, capitão, que sou um dos marinheiros que ficaram livres da *harpya*, digo tambem que viva o inspector d'alfandega.

—Provavelmente a companhia do Gaz fez timbre em cassuar com o publico desta terra.

—Mais alguma?

—Arroubou a rua do Tijollo e deixou-a estar assim. De sorte que tudo quanto é imundicia, esteiras velhas, paus, pedras, o diabo vae ficar amontoado á borda do buraco, na porta d'aquelle sobrado.

—Inglez não tem responsabilidade, meu charo.



—Capitão, hem disse o seu cosinheiro que esta terra é de caranguejo.

—Que foi?

—Deram agora em calçar as ruas e arrumar por cima da calçada uma camada de lama.

A ladeira d'Agua Brusca esta intransitavel.

Lama por lama, então deixem-se da calçada!

—Mou amigo, o remedio que ha é ter paciencia.



—A companhia do olho-vivo está no apogeu de suas façanhas.

—Não sabe que é tempo do festas? Algum extraordinario?

—Pois um tal João da Matta, denodado campeão da companhia, não teve a audacia de entrar em pleno dia com um gahador, na loja do Sr. Spirito Santo ao Taboão, e carregar-lhe com uma porção de cêra e ir vendel-a ao Caminho Novo!

—De que se admira? Não vejo nisto nada de novo.

—Admira-me o animo do tal trahante. Não temer ser agarrado em flagrante.

—Safar-se-hia com a mesma facilidade com que roubou a cêra.

—E a policia?

—Ora a policia!...

O dono si quiz, foi resgatar suas velas onde estavam vendidas.

—Bem dita epocha para os ladrões.

—Então *Mingù*, como tem passado?

—Deixe-me!

—Está zangado, meu La Pommerais? Digitalina no caso.

Si pudesse, chamava á responsabilidade o *Alabama*?

Como não pode, anda pedindo miseravelmente a todos...

Seria melhor que deixasse tanta arrogancia!

—Ora que bobo!

—Não resta a menor duvida que o medico dos bois de Latronopolis é um grande delcixado, que nenhum caso faz da importancia do seu cargo, ou que então faz causa commum com os traficantes e especuladores da saude e vida do povo.

—Por que diz isto?

—Pois não tem visto a pessima qualidade da carne que tem vindo ao consummo estes dias?

—E' possivel que aquelle homem que tem dois olhos acima do nariz, e que alisou os bancos de uma schola por seis annos, consinta que se venda ao povo carniça para se alimentar?

E' verdade que para attenuar vem de mistura com a má alguma carne boa.

Na seguuda feira vendeu-se em alguns talhos do *Taboa grande* ou *Valle da sapataria*, carne a 300 rs. a libra que depois de cosida tornou-se puro bofe e com um gosto repugnante.

—Bagatella. Os compradores que se dêem ao trabalho de escolher.

—Que diabo é aquillo?

—Graças do cadete Carijó.

—Que desaforo! uma cadella, cheia de pannos ensanguentados!

—E' graça que elle repete todos os domingos.

—N'uma rua destas! no Coqueiro! Nesta terra não ha policia!

--Mas ha o *Alabama*, paschim como elles chamam, mas que não os deixa.

Muxingueiro!

--Prompto.

--Faze a policia de Latronopolis corar um pouco!

Faze as vezes della!

Miseria!

(Continuação)

—Ora passou o interro.

—Agora deixe passarem as personagens.

Dr. Firme Rocha Odor de Rico.

Chico Mieiro de S. Fernandes.

Paulo das Cunhas e Gomes.

Zé Totonho das *Peras*.

Janjão *Chaves de Fernando*.

—E os testamenteiros?

—Ahi vem elles.

Totonho Pae do Chastinet da Costa.

Dr. Mingote Mané dos Seixos de la Pommerais.

Padre Manezinho da Fonte-Seca de S. Jozé.

—Entrou tambem padre?

—Que duvida!

—Mas contaram-me que houve mais de um testamento falso.

—Houve e fallaremos.

—Mas essas pessoas representaram em ambos?

—Algumas; houve alteração.

Os que entraram no segundo acto da *tragedia* ahi vem tambem; fazem parte do cortejo funebre.

O Dr. Firme, testemunha.

Jozé de Souza, musico que deu para apprender geometria por *Euclides*, idem.

Joaquim dos Santos Ladisláu Velloso, idem.

João Borges Dias de S. Lourenço, idem.

Ibrahim Hldefonso dos Coelbos, idem

Testamenteiros:

Janjão *Chaves de Fernando*.

O padre Manezinho.

E Joaquim José que *se abre*.

—Vem ainda mais gente.

—Deixe passar.

Aquelle gordo foi o que escreveu e approveu o ultimo em nome de S. *Procopio*.

E aquelle outro foi o que escreveu o primeiro; é filho d'um dos interessados.

Aquelle *santinho* que vem em ultimo lugar é um *carneirinho* em cujo tractamento as *virgens* se tem esmerado.

—Que sucia de maganos!

Ah! valente muxingueiro do *Alabama*!

(*Continúa.*)

(*Continuação.*)

—Pulou para dentro d'um balcão, onde esteve occupado, o dia inteiro, a lavar funis, medidas e todo mais vasilhame da casa.

A' noite, antes do jantar, o amo mandou-o chamar a alguem para *fazer limpeza*.

«Bou eu mesmo, sôri patrão, disse o gallego querendo se inculcar de trabalhador e diligente.

E carregando com os penicos chejos de trampa, *elemento* em que nascera e fora criado, despejou-os ao mar, admirado de que na arvore das patacas se deitasse fora o que na santa terrinha lhe dera que comer.

Elle que áquellas horas nem um vin-tem tinha e ainda não havia jantado!

Cada terra com seu uso

Cada roca com seu fuso.

Foram as palavras que resmoneou o pobre diabo, atropellado com a carga que ás costas trazia.

Dar-se-ha porem caso, continuou elle, que n'arvore das patacas, a Quaresma não tenha fim?

Faltava-lhe o cheiro da trampa, começava a soffrer fome.

Felizmente para elle, um bom traçallo de carne lhe estava preparado, segundo a expressão de D. Braz.

O diabo comeu e dormiu, para porco só lhe faltavam dous pés.

(*Continúa.*)

A PERDIDO.

—Capitão, accuda-me!

—Que tens, rapaz?

—V. Ex. não sabe de quo perigo escapei; ha em Santa Barbara um bicho russo que como gento e ia me passando o gadanho.

—Onde é isto, rapaz?

—Defronte do Alexandro da banca.

—Que bicho é esse?

—E' onça, capitão.

Não mande por la o seu cosinheiro; africano corre muito risco nas garras do bicho; não sei por que tem elle tanto odio aos negros...

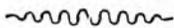
E é arrepiado; tem o cabello de porco-espinho o diabo do bruto!

—Retire-se! não seja desfructavel!



Fedação d'uma carta de um professor primario.

«Sahindo daqui no dia ** fiz uma viagem de um barco veleiro mas as forças maritimas em relevo com as ondas sopradas pelos zefiros apouquentados poz-me quedo no amago do mesmo.»



Pede-se á policia providencias contra uma mulher que mora na rua do Bangala, a qual vive a insultar a vizinhança sem motivo e a comer-lhe as gallinhas. A furiosa tarasca não tem consideração com pessoa alguma, a nada attende, nem ainda aos rogos feitos em nome de Santa *Jezuína*. E' por tanto preciso que fique a gente honesta livre daquella vibora que com o n.º 32 á frente desrespeita a moral publica, dando expansão a seu genio pravo e malevolo.

A cigana.



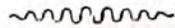
Pede-se a certo sujeito impostor, empregado na estrada de ferro, e morador n'uma rua calçada, o favor de pagar o que deve de fogos em uma loja á rua Direita do Commercio,

desde junho de 1862; o que se lhe pede pela poderosa intercessão de S. *Firmino*.



Pede-se ao Illm. Sr. Br. chefe de policia, que mande acabar com uma caza de jogo, á rua dos Ossos, freguezia de Santo Antonio, na qual se reúnem pessoas de *todo calibre*, inclusive moleques captivos, que deixam por isso de satisfazer suas obrigações.

Um prejudicado.



OS TRUÕES INFELIZES.

Quadros por Asmodeu.

I.

O' musa iniuiga dos tratantes,
Dos vis, dos descarados, dos ladrões,
Inspira-me na grandissima tarefa
De zurzir uma sucia de truões.

Eu não quero p'ra pintal-os tintas finas,
Dispensio da musica a harmonia,
Minha tarefa é alta e sublimada,
Nada tenho que ver com a poesia.

A forma nada val; não sou poeta
E' só para agradar que escrevo em verso;
Só quero o fundo.—Contun-lo cantarei
Dezejos tolos no verso e no reverso.

Invoco o *Alabama*; destemido nauta
Nos mares procellosos desta vida,
Empresta-me o muxingueiro;
E deixa a sucia, que ha de ser zurzida.

Não entro em scena sem comprar a *alguem*
De finissimo alcatrão ingente pote,
Quero esfregar a cara dessa gente
E depois despedil-os com chicote.

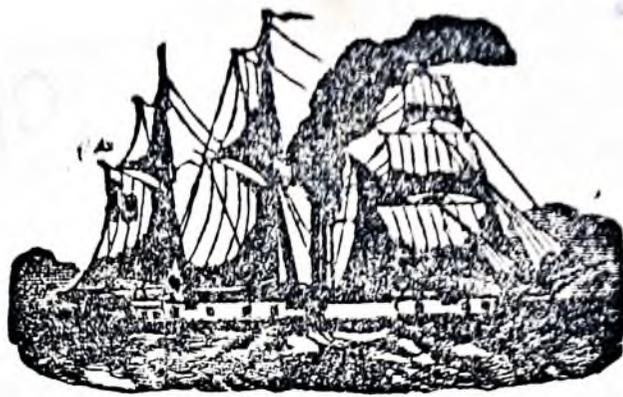
Com alcatrão, chicote e esporas,
Eu darei vergonha a esta canalha;
E para não morrerem inuidos
Dou-lhes dinheiro p'ra garapa e palha.

(*Continúa.*)

ANNUNCIO.

Atenção.

O abaixo assignado declara ao respeitavel publico que se acha estabelecido com sua casa de armação á rua Direita de Palacio n. 30.—*Cyriaco Antonio de Souza Tavares.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 13.ª

BAHIA 24 DE DEZEMBRO DE 1864.

N.º 151.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17.
a 17 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

DUAS PALAVRAS PROFERIDAS PELO CAPITAÕ,
POR OCCASIAÕ DO FESTIM DO DIA 21 DO
CORRENTE.

Camaradas!

Ha tresentos e sessenta e seis dias
que batalhamos denodadamente; nada
nos tem feito recuar.

A calumnia, a injuria, os insultos,
as diatribes, as ameaças, os processos
contra os impressores de nossa folha
official, nada desanima-nos.

Onde quer que nossa policia tem no-
ticia d'um abuso, d'um crime, d'um
ladrão, la está a cumprir o rigoroso
dever que nos impuzemos.

Assim, não ha repartição publica,
director de estabelecimento, authori-
dade judicial ou administrativa que
nos não deva favores, com orgulho o
dizemos.

Embora alguns descontentes andem,
despeitados, a fallar em paschim, te-
mos em nosso favor o apoio de muita
gente edosa, honesta, circumspecta e

sensata, que no seu entusiasmo con-
tra os ladrões julga termos direito a
uma contribuição da policia.

Seremos alguma vez excessivos; mui-
ta vergalhada rija terá dado o muxin-
gueiro.

Mas á fé que não tem sido em vão!

Com um pequeno mal minoramos o
maior.

Desde 21 de dezembro passado que
os ladrões se tem visto em calças par-
das; os namoros escandalosos estão
mais recatados; os *villões* battem me-
nos nos escravos; as ruas tem soffrido
mais concerto; os fiscaes empregado
mais diligencia; a policia sido mais a-
ctiva; o jogo mais acautellado, etc. etc.

Orgulho, dirão.

E quem se não orgulha d'uma acção
nobre?

Accaso quando, a cordas, tangeu Chris-
to os especuladores do templo, não te-
ve disso bem entendido orgulho?

Orgulhemo-nos, pois, charos com-
panheiros de trabalho, pelo triumpho
que vac adquirindo a moralidade.

E firmes nos nossos principios, pro-
testando ante Deus e os homens conti-

nuar impavidos na nossa ardua tarefa, façamos um entusiastico brinde á liberdade da Imprensa.

Viva a liberdade da Imprensa!

Viva, viva, viva!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 23 de dezembro de 1864.

Officio ao Illm Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que mande dispersar uma porção de rapazes que se reúnem na venda á esquina da rua dos Carvões, os quaes vivem a fazer assua-
das e a insultar as pessoas que passam, como ainda hontem succedeu com o Sr. Polycarpo José do Valle que foi por elles desfeiteado, sendo aliás um homem inoffensivo, maior de oitenta annos e muito moralisado.

—Ao mesmo, no mesmo sentido sobre a venda á esquina da rua Direita do Collegio, n. 41, na qual se dão continuamente os mesmos factos.

Pertaria ao aspirante pedestre João le Deus, ordenando-lhe que dê as providencias necessarias para que se não reproduza na noite de Natal o escandalo do entrarem nas egrejas senhoras de chapéu á cabeça; convindo que tome o nome, ou indague qual a familia das que reincidirem, a fim de se fazer bem patente ao publico. Cumpra.

—Ao fiscal de Santo Antonio, ordenando-lhe que faça cumprir a postura que prohibe ter cães soltos o morador da caza n. 33 á Conceição do Boqueirão, na qual existe um furioso cão de que se queixa toda visinhança e que mordeu ultimamente um menino que mora em caza do negociante Mangaba, o qual se acha com a perna bastante maltractada. Cumpra.

—Ora esta Bahia!

—Que ha?

—Completa descrença, indifferen-
tismo geral.

Pernambuco deu um passo nobre, heroico em favor da Polonia; organizou uma sociedade para tratar da colonisação polaca, a tempo que aqui, um distincto moço, um caracter nobre, no *Jornal da Bahia*, invocava em favor de alguns emigrados a generosidade deste povo.

Tudo ficou mudo.

De Pernambuco disseram que circulares vinham á Bahia e iam ao Rio de Janeiro em prol da idéa.

E a Bahia nem se move!

A Bahia, o centro, a sede, a fonte das idéas grandes! . . .

Ja não tem alma!

Mataram-lhe as crencas e o coração!

E ha de chegar o vapor de 27 e trazer noticias do Rio, e a Bahia na sua indolencia.

Srs.! um passo a frente!

Não desmintamos as esperanças da nossa chara irmã do Norte, que conta com nosso patriotico fervor, com nossos generosos sentimentos em bem dos opprimidos!

—Ora veremos.

—Oh! meu Deus! como está esse burro todo ferido. . . .

Ariani nan tem pena de seu di-
nheiro. . . .

Do contrario elle nan faze bolieiro esse diabo. . . .

Elle dá ni burro porque nan tem quem dá nelle.

—Mas Vm. não vê que o burro é manhoso?

—Oh! calle bôque ja! qui vossè está um jumento montado n'um burro. . . .

Qui terra qui nan tem policia pra burro!

—Admira-se de pouco, master, aqui nem para gente ha policia.....

—Aspirante!

—Prompto.

—Embarque-se no *Pirajá* e vá até a Barra, dê um passeio pelo Bom Jardim e Alegria e traga-me noticias d'um namoro escandaloso que ha por alli entre uma menina e um velho, que quero dar as providencias precisas.

—A's ordens.

—O destacamento de policia em Maragogipe levou pau a cabir.

—Porque?

—Dizem que dous soldados, por motivos, espancaram brutalmente a um homem, o que exasperou a gente do bairro do Porto das Vaccas, com quem ja havia rixa, a qual armou-se e veiu a noite para a porta da igreja, onde havia novenas, sambar, com o fim de provocar o conflicto.

A policia interveiu e quiz acabar com o samba, do que resultou a pancadaria, sendo o commandante o que mais apanhou.

—Pois mandam oito homens para uma povoação daquellas! é para succeder disto!....

E ainda si fossem homens prudentes e morigerados!

E as auctoridades que providencias deram?

—Nenhuma. Contam-me que houve uma que nem teve animo de deitar a cabeça de fóra.

—Vae decahindo insensivelmente a devoção. Até na Mizericordia ja não ha missas cantadas nos domingos e nas santos.

—Talvez por falta de padres.

—Ou antes para fazer economia e haver mais dinheiro para as bemditas *charidosas*.

—Oh! tempora! oh! mores!

—Deus dê saúde a *sinhô* Figueiredo Leite!

—Ora vejam como a camara municipal é infeliz!

Quiz aformosear as ruas, gastou dinheiro, mandou fazer cercas no Terreiro, plantou tamarineiros e o resultado foi que o cercado serviu para estender-se roupa!

—Tambem queriam plantar em calça!

—E entretanto, sem trabalho nenhum, sem gastar-se dinheiro, só com o auxilio da chuva e do tempo que estragou a rua, lá está a rua Nova do Queimado toda cheia de *arvores*!

—Serio? Tão longe?!

Disseram-me que a rua estava em tal estado que parecia um cemiterio de covas abertas.

—Quer V. dizer que plantaram cyprestes?

—E que foi então? palmeiras?

—Sim... sim... palmeiras... isto é bananeiras...

—Não cassue.

—Serio e muito serio; no meio da rua lá estão sete bananeiras plantadas!

—Tambem não faz mal; terra de macacos o de que precisa é justamente de bananas.

LA VAE VERSO.

Poesia do cosinheiro á liberdade da imprensa.

Iô qui tá negro livre
Qui entra nim captivero;
Iô qui nascê nim Cossa
E vivê nesse Cruzeiro;

Iô qui livro outro vêzo
 Cum branco poro falá,
 Quê proveta zi momento
 P'ra gloria do liberá.

Mai si iô dize liberá,
 —Liberá de curaço;

Iô nan conta cum Gravata,
 Nin Chanchan, possuraço.

Angora qui capitão
 Um saude vac fazê,
 Di juizo á liberdare,
 Nosso turo vae bebê.

Capitão e viva, viva
 Liberdare pensamento!
 Ni saude desse dia
 Nosso fazê frogamento!

A PEDIDO.

—Que caza é esta aqui no Cruzeiro?
 Provavelmente é o commando superior.

—Ora além de pobre, cego!
 Não vê aquelle distico?

—Agora reparo: Monte pio dos Ar-
 tífices.

Mas como está toda embandeirada?!
 e com as bandeiras dos differentes cor-
 pos da guarda nacional?!

—E' que os commandantes as em-
 prestaram.

—Bem; mas o Justiniano então com-
 metteu um abuso.

Ja não é commandante: ainda não
 entregou a bandeira; nenhum direito
 sobre ella tem. . . . logo, não podia em-
 prestal-a.

—V., amigo, si não é doudo pa-
 rece.

——
 João José da Rocha Campo
 Muito ingrato seria
 Si não desse mil louvores
 Ao *Diario da Bahia*.

Ao *Publico Interesse*,
Alabama e companhia

Cordialmente agradeço
 A franca philantropia

Com que o anno passado
 Publicaram quadras destas
 Nas quaes pediu aos leitores
 Em geral as boas festas.

Esperando ser servido
 Vem de novo supplicar
 Q'este A, B, C, resumido
 Queiram todos publicar.

E a vós, pios leitores,
 Digo com toda alegria
 Como dizia outr'ora
 A todos Deus e bom dia.

A B C D E F G
 Quer dizer o man estado
 Em que vive o Rocha Campo
 Doente e desempregado.

H I J K L M
 Vos supplica que lhe deis
 De bom grado este anno
 Festas, bons annos, e reis.

N O P Q R S T
 Mostra ser agradecido,
 Pois sem o vosso soccôrro
 Mais teria pudecido.

U V X Y Z
 Juntamente com o til
 Pede a Deus nos concêda
 Em sua graça annos mil.

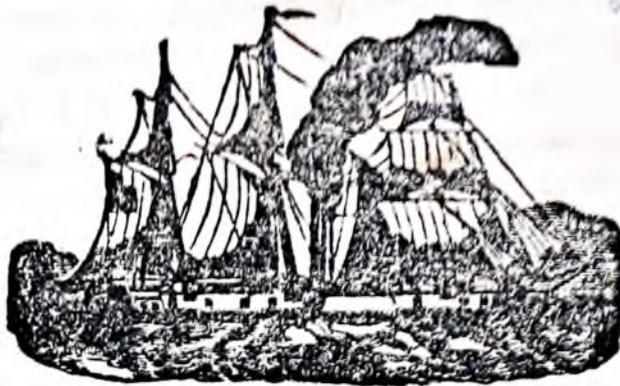
Boas festas vos deza-ja
 De todo seu coração
 O de pernas para cima
 J. ao José Rocha Campo.

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado declara ao res-
 peitavel publico que se acha estabele-
 cido com sua caza de armação á rua
 Direita de Palacio n. 30.—*Cyriaca*.
Antonio de Souza Tavares.

Pede-se a certo pintor da Sé o favor
 de ir pagar, á venda ao largo do Thea-
 tro, o importe dos generos que com-
 prou na mesma.

O Genezio.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª

BAHIA 28 DE DEZEMBRO DE 1864.

N.º 15.º

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n.º 17 a 18 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 27 de dezembro de 1864.

Offício ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando lhe que um esperalhão de nome Queiroz, membro conhecido da companhia do olho-vivo, e que por suas façanhas tem estado preso, anda inculcando-se agente secreto da policia e substituto do finado Guilherme e como tal exigindo contribuições dos donos de casas de jogo, para não os denunciar, allegando que o referido Guilherme percebia taes contribuições; pelo que pede-se a S. S. providencias para que esse ratoneiro não continue a especular com o nome de S. S., de quem diz ter recebido a nomeação, pois que não é de maneira nenhuma acreditavel que S. S. se lembrasse de nomear um ladrão para agente de policia.

Ao Illm. Sr. commandante do corpo de policia, para que informe com urgencia a rasão por que esteve preso

cinco dias o guarda desse corpo Luiz Fernandes de Souza, visto que os maledicentes acharem nsto pretexto para espalhar os seguintes boatos:

1.º Que a prisão daquelle guarda resultara de reclamação fundada que o mesmo fizera em seu direito extorquido.

2.º Que depois de se haver resolvido e dito publicamente que o guarda responderia a um conselho, foi deste dispensado e solto por influencia d'alguem para quem o mesmo recorrera.

3.º Que para esse conselho fojavam-se, em falta d'outros, certos documentos não muito concludentes com a rasão.

4.º Que teve-se tambem em vista coagir e intimidar os demais guardas afim de que não fizessem reclamações perante a commissão que está examinando aquelle corpo com temor de que taes reclamações não trouxessem *certas revelações* que convém occultar, tanto assim que nenhum soldado mais, embora prejudicado, ousou reclamar.

(Continuação.)

— Bem; agora que passou a canthada, conte-me a historia.

—Muito longa seria, si a contasso por inteiro.

Os pontos principaes são os seguintes.

O Dr. Mingú de la Pommerais. . . sabe a historia de La Pommerais? É um segundo tomo.

La Pommerais encartou-se com a moça, fez-se della procurador, hypothecou a seus parentes as propriedades della, fandiú-lhe as joias, depositou nos seus cofres o dinheiro della e fez um testamento, em que não figurou de primeiro; arranjou as cousas por maneiras. . . .

Dedicado filho do liberalismo, libertou todos os escravos, deu a alguns delles *téléas*, e. . . armou-se.

Um forte vendaval fez por aqui sua *passagem* e lançou ao chão o bello castello que sobre a areia levantara La Pommerais.

La Pommerais grunhiu, arrancando os cabellos e ergueu novo castello.

O que me parece agora é que a espada de Astréa derrubal-o-ha e sob suas ruinas esmagará aquella sucia de tratantes que se associaram ao Dr. que desta vez ficou de fora.

—Historias!

A tal espada da Justiça só tinha força para os pagãos; hoje tem mais valor a taca do muxingueiro.

Sinto bem que a minha collega da *tesoura* não me acompanhe na batalha, para fazer uma descripção *critica* dos tratantes.

E lamento que nesta Latronopolis a policia cruze os braços ante tanto cynismo, ante tanta protervia, ante tanta hedrocira!

É a epocha dos testamentos falsos! Ninguem mais tem ultima vontade!

Antigamente um só testamento bastava; hoje tres não chegam; é talvez preciso ter meia duzia.

—É que o *progresso*, capitão, invade tudo.

Principiou o anno por um e acaba por outro!

—Bemdito La Pommerais!

—E o Sr. só a metter La Pommerais! Isso é intriga pessoal.

E está muito contente a pensar que fez uma grande descoberta, chrysmando-o de La Pommerais!

—Chrysmando, não Sr.; é o seu verdadeiro nome; mas suppondo que fosse chryma (quinau dobrado) estava muito bem applica-la, porque dizem por ahí que o *menino* para abreviar o momento feliz, deu tambem suas dózes. . . digitalina provavelmente.

—Mas o que ninguem pode negar é que ha intriga.

Apparecem neste negocio *certas caras*, certos sujeitos que servem sempre de testamenteiros, que se incumbem de interros gordos, que hospedam libareus ricos, que enriquecem de presa e bem vê que não os posso comer pôr santos.

—Ah! ah! ah! ah! ah!

(Continúa).



—Capitão, venho lhe contar uma historia.

—Ja começ !

—Ouça, capitão:

Um dia aportou em Latronopolis um galleguito magriço, que depois do *bom principio* que teve em sua terra, foi aqui moço de recados do irmão.

Advinhava porém a besta que havia ser algum dia *alguma cousa*, pela regra geral de que as plantas que nascem nos monturos crescem com mais rapidez; e ostentava um orgulho de. . . de. . . de tollo malcreado.

Tinha um geito admiravel para gatlano, nao havia entao companhia nem

muito menos regimento do olho vivo; filiou-se pois o devoto do S. Raymundo na companhia dos traficantes

E traficou

E passou moeda falsa

E contrabandeou

E ficou rico

E foi commendador

O broeiro *encommendado e rico* deu para Faublas.

Tornou-se o terror das familias.

O pae, o irmão, o marido, o padrinho, a avó, todos fecharam-lhe as portas.

O *commendador* era a deshonra em pessoa!

O *rico*, porem, continuava a campar suberbo. . .

A sociedade apontava-o com o dedo, mostrava-lhe os defeitos, apupava-o de MOEDEIRO FALSO E LADRÃO, mas o rodar de seu carro e o pisar de seus *grandes cavallos supplantavam* as vozes da gente honesta.

E o orgulho do rico crescia. . . .

E o commendador queria passar a *barão* . . .

E com o resultado de suas infamias quem sabe si o ladrão não alcançaria *victoria*?

Depois de milhões de torpezas, o ladrão quiz mudar de terra; foi á patria, levado não pelo amor della, mas pela vaidade de apparecer *grande*, rico, commendador e ladrão ante aquelles que o viram pequeno, pobre, miseravel, e trampeiro; tanto assim que o safado humilhou-se aos pés, beijando as nadeegas *d'uma victima sua*, para salvar-o do porão d'um *pirata terrestre* que lhe ia dar merecida sova.

O ladrão porém que se julgou seguro, fingindo-se na Europa *segundo to- no* do tal *pirata*, levou n'uma noi-

te uma carga d'arcia que lhe caaram nas costas.

E safou-se.

Regressou in continenti a Latronopolis, onde impunemente podia *inchar*, e continuou nas suas misérias, continuando no seu orgulho.

Um dia, o patife que tem muito ouído aos brazileiros (quando devia tel-o á patla que o pez ou ao coirão que o amassou) tendo em sua caza um caixeiro brazileiro, esbofeteou-o, deu lhe bollos e chicoteou-o por encontral o conversando com um outro caixeiro!

Era ali que eu queria chegar.

Agora dizem que o Sr. Joaquim Pereira Marinho acaba de fazer o mesmo com um rapaz, filho do Rio Grande do Sul.

Tal não é possível.

Primeiro por que o Sr. Marinho não se ha de querer egualar com um bruto.

Segundo porque, com quanto o Sr. Marinho seja commendador como o tal gallego, não é moedeiro falso, contrabandista, ou ladrão.

Terceiro porque o Sr. Marinho mora na Bahia, onde ha justiça e não em Latronopolis onde reinam venalidade, contemplações e misérias.

Que acha, capitão?

—Eu o que acho é que V. é um pomadista, quando nada, um massante. Ora acabe a historia.

—Nem mais posso, capitão!

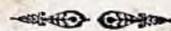
Só por fallar nisso, estou indignado.

A ser verdade o facto do Sr. Marinho, é um desaforo!

—Rapaz, calle-se, apprenda a viver e deixe-me viver.

—Sor capitão, *bôs noites*.

.....



—Bem se diz que a voz do povo é a voz de Deus.

Dizem que os frades do Carmo arrui-

naram o convento e pareco-mo verdado.

—Que o convento só tom o casco é mais velho que a Sé do palha.

—Pois, capitão, a pobreza alli está no seu auge: na noite do Natal o escravo que tocava o folles do organ, estava na camisa, nú, só com as calças!

—Que homem doudo!

Si houvesse alli pobreza a ponto de não haver roupa, não haveria escravos.

O que ha somente é deleixo.... é luxuria.... é descuido....

—E mais alguma cousa.

OPEDIDO.

Certo juiz de paz presidente, estando doente, deixou de convocar os electores para a proxima revisão; sabendo porém que o segundo o tinha feito, convocou, no dia 22 do corrente, com data de 15, aos electores, com o seguinte officio, cuja orthographia se recommenda.

Bahia e Freguezia de Santo Antonio a 15 de dezembro de 1864. — Illm. Sr. — De confirmidade com a lei de 19 de agosto de 1846, convido a V. S. para comparicêr na Igreja Matriz desta Freguezia no dia 15 de janeiro do futuro as 9 horas da manhã afim deter lugar a formação da Junta de revizão da Qualificação do anno de 1865.

Deos Guarde a V. S.
F.

Teve de um a seguinte resposta:

Illm. Sr. — Foi-me entregue hontem uma participação de V. S. com data de 15 do corrente, convocando-me como elector a comparecer no dia 15 de janeiro p. futuro para a formação da Junta de qualificação; em resposta tenho a dizer a V. S. que já tendo recebido no dia 15 do corrente igual con-

vocação do segundo Juiz de Paz F., fica a de V. S. em segundo logar á espera talvez de uma terceira.

Deus guarde a V. S. Bahia e Freguezia de Santo Antonio a 22 de dezembro de 1864.

—Que barulho é aquelle no côro da Conceição da Praia?

Capitão, empreste-me o seu oculo.....

Ca...ca...ca...ca.

—E' o homem que canta de cachorro.

—E' impossivel, que cachorro não canta, ladra.

—E' assim que elle faz, ladra e cantá ao mesmo tempo que os cães principiam tambem a fazer coro com elle.

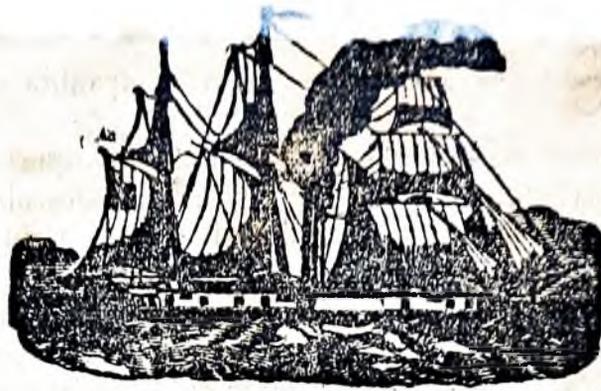
—E' habilidoso, porém estará elle ladrando na igreja?

—Não, capitão, elle está bastante alegre, está fazendo a festa antes della, provoca, ora faz vir o riso ao publico.

—E' verdade; como está elle com as feições desorganisadas! parece um envenenamento. Vá lhe dizer que não continue a envergonhar os seus companheiros, sob pena de o metter a ferros no porão e mandar pela cabocola M.... dar-lhe a dóse do costume.

Roga-se a um Sr. empregado no arsenal de marinha o favor de apparecer na venda á ladeira de S. Miguel, esqui-napara a Ordem Terceira, afim de pagar o que ali é devedor. e caso não venha dentro de 5 dias que se lhe dá de espera, terá o dissabor de ver seu nome por extenso, não só nas folhas, como n'um grande cartaz na porta da referida venda.

Bahia 27 de dezembro de 1864.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª

BAHIA 29 DE DEZEMBRO DE 1864.

N.º 155.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizerieordia n. 17, a 100 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a 16.ª serie do *Alabama*.

A emigração polaca.

Ha dias, extranhavamos e pungiamos a indiferença que para objecto de tanta transcendencia mostrava a Bahia.

Acabamos porém de saber que corações generosos, almas grandes em que cabem todas as grandes ideias, reúnem-se amanha, 29 do corrente, 2.º anniversario da revolução da Polonia, para installarem a sociedade promotora da colonisação polaca.

Os immensos beneficios e vantagens que resultarão a ambos os povos são intuitivos.

Nestes amenos climas, nestas deliciosas paragens, sob este magnifico ceu de azul, neste hospitaleiro paiz, o polaco encontrará irmãos, amigos, familia e religião que lhe servirão de lenitivo ás pungentes dores que lhe angustiam a alma pelo martyrio de sua desgraçada patria.

O brasileiro, em troca de algumas braças de terra, em compensação á á sua classica hospitalidade, verá o

augmento de seu paiz, verá crescerem as familias, multiplicar a população, e terá por fim a gloria de ter estendido a mão fraternal a uma nação heroica que se estorce nas garras da morte, preparada pelo barbarismo da Russia—pelo crime de querer ser livre!

Honra pois áquelles que promovem uma tão santa causa!

Noticias da Corte.

ALVIÇARAS!

Pessoa *seria* que chegou no paquete francez affiança-nos o seguinte:

O ministerio pediu demissão e S. M. chamou o Sr. Pimenta Bueno para organizar o novo ministerio que fica assim composto:

Presidente do conselho e ministro da justiça Pimenta Bueno.

Ministro da fazenda Ezebio de Queiroz.

Do imperio Alvaro Tiberio.

De estrangeiros Sergio de Macedo.

Da guerra marquez de Caxias.

Da mariuha Joaquim José Ignacio.

Do fomento Manuel Felizardo.

Para presidente desta provincia Innocencio Marques.

Chefe de policia Affonso de Carvalho.

Commandante das armas major Freire.

—Falla-se em dissolução da camara.

—Foram nomeados:

Commandante superior da guarda nacional do municipio da capital Justiniano José de Araujo.

Tenente coronel commandante do 4.º batalhão da guarda nacional, o capitão F. J. Monteiro de Carvalho Junior.

Director da faculdade de medicina Dr. J. Eduardo Freire de Carvalho.

—Chegou S. Ex. Revm. o Sr. vice-capellão-mór, arcebispo da Bahia, com a sua caixa de tabaco que lhe offereceu S. A. o Sr. conde d'Eu.

As outras noticias de menos importancia daremos depois.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 28 de dezembro de 1864.

Portaria ao fiscal claviculario. *Tendo ouvido dizer* que a lei é igual para todos e *parecendo-me* que ha uma postura que prohibe o cri r-se porcos dentro da cidade, *peço-lhe* que isso faça sentir ao Exm Sr. barão de Cotegipe, que os tem, á vista do publico, em sua caza á baixa do Bomfim, parecendo querer de proposito ostentar que por ser grande, nenhum caso faz das leis de seu paiz, —procedimento alias irreprehensibilissimo para um senador do imperio. O que *espera-se*.

—Ai! ui! ai!

—Que tem, Sr.?

—Grandes dores no estomago, na barriga... attribuo á lama que tenho ultimamente bebido de involta com a agua dos chafarizes.

—E na minha casa todos estão de defluxo a morrer; alguem tem dito que o mal vem d'agua.

—E vem provavelmente; os negros d'engenho morreram mais pelo chole-
ra, por causa da má agua que bebiam; agora si houver peste, morrem felizmente *todos*.

E a dor a massar-me!

Ai, ui, ai, ui!...

—A companhia do Queimado está em tallas.

—Então, porque?

—Porque descobriu-se o segredo d'abelha, o mysterio da valvula...

—Que valvula?

—A que communica as aguas do dique com as do Queimado, feita com tanta subtiliza que só um exame minucioso poderia descobri-la.

—E que tem lá isso? tudo é agua.

—Tudo é agua, é verdade; mas as do dique são perniciosas e pestiferas, e é por causa dellas que tem se desenvolvido tanta molestia no povo.

—Combino com suas ideas; o povo neste caso é quem paga as lavas, dá lucro aos interessados da companhia, e em cima disto é obrigado a beber agua pessima.

—Não eu que beba mais agoa dos chafarizes d'agora por diante.

—E eu no logar do presidente da provincia tomava as providencias necessarias e mandava suspender a vendagem d'agoa nos chafarizes, até ulterior decisão.

—Espere pelo parecer, Dr....

—Até que emfim houve um subdelegado energico que mandou dispersar o grupo de moleques que se reuniam á venda defronte do Collegio!

—Seriamente?

—Que duvida! Mal o Sr. coronel Lourenço de Souza Marques leu o *Alabama*, mandou uma portaria ao inspector que acabou com a sucia.

—Esta terra vae em tal estado que quando alguem cumpre o seu dever se torna credor de elogios. Emfim aceite o Sr. subdelegado os agradecimentos que lhe rende a moralidade publica.

—Ainda desmandos dos guardas policiaes

Um homem estava bebado á baixa dos Sapateiros e quiz pegar em outro que o repelliu. A patrulha que estava sentada levantou-se e quiz á força prender o ultimo por que não attendia a que o homem estava cbrío.

—Do sorte que a patrulha nada tem com os ebrios; protege-os contra as pessoas que repellem seus insultos!

Pode hoje quem quizer embriagar-se para fazer o diabo porque assim o quer a policia!

—Não val a pena tal ninharia.

Ahi está que os presos por ella são espancados.

Ainda no dia 27, foi preso o Sr. Joaquim Marcos e o guarda que o prendeu espancou-o a valer.

—Progresso, progresso, rapaz.



—O presidente visitou a casa de prisão com trabalho.

—E achou-a na maior relaxação possível.

O administrador estava na ilha de Santa Luzia.

—E' cousa antiga; para la dizem que elle até mandava os forçados para plantarem-lhe capim, mandioca e caunas.

—O ajudante tambem não estava presente.

—Sim?!

—O escripturario ainda não tinha chegado.

—E quem tomava conta d'uma casa daquellas?

—Dizem que um guarda, a quem S. Ex. pediu que mandasse chamar o administrador.

—Como mudam os tempos e com elles os homeas! Realmente admira como o Dr. Lucio Bento Cardoso dá hoje logar a censuras de tal ordem.....



—Que algazarra, que ajuntamento é aquelle no Sodré no n. 33?

—E' uma pobre mulher, que alugou-se como ama na casa d'uma tal *Sinhá* e não sei a razão por que tres mulheres que moram na mesma casa esbofeteam a infeliz com as portas fechadas.

—E o inspector do quarteirão o que fez?

—Não appareceu inspector, nem meio-inspector; apeuas dois guardas nacionaes, que andaram de patrulha; um dos quaes levou duas horas á pista do inspector, e que voltou, parece-me, com agua no bico!

—E depois?...

—Foram a mulher e um dos *taes Adonis* da pandega levados á presença do subdelegado.

—E as mulheres que espancaram a ama de *Sinhá*?

—Dormindo em plena paz.

—Que quer, meu amigo? em tempo de festa até a policia tem ferias.

—

(Continuação.)

Depois que Monte Christo roubou bem seu primeiro amo, pelo que a ponta-pés foi deitado para fora, passou por uma rua coberta de neve, encontrou uma arvore, subiu pelos ramos e bradou: Até que enfim!

Encontrei a arvore das palacas!

Um velho que vigiava a arvore, agradeceu-se da *firma*, admittiu-o em sua casa, deu-lhe alguns sopapos porque o julgou algum menino travesso que andava a trepar pelas arvores, *accommodou-o* e deu-lhe a filha em casamento.

Monte Christo lembrou-se então do seu sonho: agora em trampa virava o dinheiro para muita gente e em dinheiro virava a trampa para elle.

Monte Christo Moreira Santos achára um thesouro.

—E foi nomeado conde?

—Não, Sr., por ora.

Tanta pressa, capitão!...

O velho sogro foi atirado á margem, ficou reduzido a porteiro de taberna, onde vive com os olhos ramellentos a causar dó a uns e nojo a outros.

E Monte-Christo especulou; o thesouro que encontrara fora um *livro azul*, cujos milhões de paginas foram transformadas em dinheiro pelo celebre Candido Ribeiro.

Edificou; em qualquer *rua nova* as casas, os palacios eram d'elle.

Foi então que lhe veio a nomeação de conde, não de Monte Christo, mas do Livro Azul.

E hoje para eterna vergonha de Latronopolis, esse ladrão, esse scelerato, esse verdugo, esse demonio, passeia impavido pelas ruas de Latronopolis, quando bem merecia uma calceta ao pé em Fernando de Noronha!

Elle, um dos que mais lograram, em quanto os outros la se extinguem e remordem; em quanto o infeliz João da Costa definha n'um carcereiro na Bahia!

Elle que nem uma caixa de pinho trouxera e tem hoje cofres de ouro!

Elle que d'um pobre labrego, d'um ridiculo Antonio, passou a opulento Monte-Christo!

Latronopolis, Latronopolis!

Oh! justiça do Brazil;

Policia de minha terra, por que não investigas a origem dessas riquezas repentinas?!

(Continúa)

A PEDIDO

Os truões infelizes.

QUADROS.

POR—ASMODEU.

II.

Ferve a bacchanal, partem-se copos,
Copiosa zutrapa ás fauces desce;
Ouve-se o rumor;—são novos convidados,
E com esse reforço a orgia cresce

Descrevamos primeiro os que existiam,
E depois fallaremos dos chegados.
A companhia compõe-se de uma duzia
De amarellos sem côr—truões safados!

Amphytrião—c'roadado rei da festa,
Bella Alcmena—de belleza rara,
Pombo do norte—onze letras da função,
Feio e magro e de chupada cara.

Paechico, verzejador comprado,
Dá motes p'ra que os da sucia glozem,
Changó—das fontes da ilha filho
Presta dinheiro p'ra qu'os outros gozem
Jozé—que morou lá na cidade invicta,

Ao passeiar da concessão no soalho;
O gallego carregava em sua terra
Barris d'estrupe p'ra cebola e alho.

Os seis intimos já estão descriptos,
Faltam seis, que entrara' a gritar;
Ao depois veremos quem são elles,
E o que se rennem a tractar.

Continúa.

A' policia.

O Sr. Joaquim Marcos Moreira deu agora, por força de *spirito*, por genio forte, em insultar a diversas pessoas, em sua venda do 7 composto ou grande; ainda ante bontem maltractou com brutaes palavras a uma sua comadre, pelo que foi preso.

Espera-se do Sr. Dr. chefe de policia providencias; não é possivel que fiquem os cidadãos e a visinhança expostos ás *tempestades carregadas* do tal vendelhão.

Gratifica-se com 50\$000 a quem descobrir qual foi procurador de causas que deu *outros* 50\$000 de esmola para a festa do Sr. do Bomfim com o fim de que certa *personagem* fosse passar a festa no largo em uma das casas da irmandade.

—O que se deu lá pelas partes da Feira da Conceição?

—A prisão d'um official de nma maneira burlesca e absoluta...

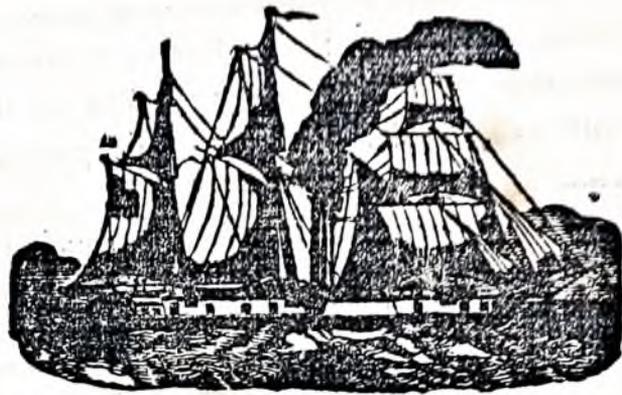
—O resto.

—Lhe dirri no n.º vindouro, neste não ha espaço, e aonde não ha El-Rei o perde.

—Seguramente.

ANNUNCIO.

Pede-se a certo accendedor da illuminação a gaz o favor de ir pagar, á venda ao largo do Theatro, o que deve de logos tomados por Santo Antonio e por S. João. Roga-se este favor por S. Miguel.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª

BAHIA 31 DE DEZEMBRO DE 1864.

N.º 154.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ainda noticias da Corte.

—Que cazou-se a outra princeza ja todos sabem, mas o que ignoram muitos é que S. Ex. Revm. teve nova caixa de tabaco que lhe offereceu S. M.

Pelo que vejo, intende a familia imperial que os velhos só devem tomar tabaco.

E para cada venda offerecem uma boceta! . . .

—Está nomeado presidente de Goyaz o Sr. bacharel Augusto Ferreira França.

Até que enfim cahiu-lhe a sopa no mel. . . .

Coube-lhe na verdade uma das melhores fatias do pão-de-ló.

Que lhe faça muito bom proveito!

—Falla-se em que será nomeado inspector da thesouraria geral o Sr. Lazaro José Jambeiro.

—Do Uruguay são favoraveis as noticias, como já devem saber os leitores pelas folhas diarias.

—No Paraguay o insolente Lopez continúa com seus desaforos; por uma

simples nota deu como resciso um tratado com o Brazil, e fundado nisso, mandou apisionar um navio brasileiro que levava a seu bordo o presidente de Matto Grosso e QUATROCENTOS CONTOS DE REIS. . . .

Boa presa, como chegou a dizer o tratantão.

—Consta que haverá recrutamento em grande escalla por mar e por terra; dizem que embarcam o 8.º de caçadores, o corpo fixo, o policial, a guarda nacional do serviço activo e da reserva.

E' bem provavel que venha a fazer a guarnição e o policiamento desta provincia o regimento das mulheres, ou o batalhão da Matta-Cobra.

—Passa por certo que veiu ordem reservada para o arsenal de marinha receber propostas sobre o fornecimento de grandes mastros para o forte do Mar que segue a fazer parte da nossa esquadra.

Ao menos elle que nada pode aqui fazer entre os navios, fará alguma cousa entre os *mancebos* do Prata.

Si lhe pudessem pôr o machinismo do vapor *France* que jaz interrado no

ancoradouro o o canudo do *Florida* que ficou no arsenal. . . ninguem negaria por certo que ja era algum *progresso!*..

EXPEDIENTE.

Cidado de Latronopolis, bordo do «Alabama» 30 de dezembro de 1864.

Officio a camara municipal, pedindo-lhe que mande por favor tirar do largo do Theatro uma pedra que faz quebrar o nariz a quem passa em noite de escuro, quando ha eclipse do gaz; o que se espera da Illma., cujos membros é muito provavel que alli tropecem, visto que ainda não a encher-garam até hoje, com a grande claridade do dia.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que mande, quanto antes, mudarem-se da rua d'Ajuda duas mulheres de má vida, conhecidas por Sinhá e Candinha, as quaes incommodam a vizinhança, além de fazerem constantemente grande barulho com as negras ganhadeiras a quem chamam e não pagam as compras.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao Porto do Bomfim, recrute uma sucia de vadios que vivem a betar pombos, atirando continuamente pedradas nos telhados, e os entregue ao Sr. tenente Lobo para remettel-os, por intermedio do commandante das armas, ao Rio da Prata. Cumpra.

—Lá para o Portão da Piedade houve um crime de aborto.

A moça interrou no quintal o feto.

—E que quer que lhe faça?

—Provavelmente houve cumplices e mesmo authores.

—Que quer que lhe faça?

—Que os mande vir á sua presença.

—Vá á rua do Bispo e procure a secretaria de policia, falle ao chefe e tem feito.

—Capitão, nada garanto; mas como corre, acho bom que a policia faça suas pesquisas a ver si descobre o crime.

—Sim, sim, e eu tambem.

—Alguem deixou em testamento um legado de 400\$ rs. para um moço que viajava fora do imperio. Agora chega elle e querendo haver o dinbeiro, dirige-se ao cartorio e acha seu legado entregue.

—Quem recebeu?

—Dizem que a mãe que lá foi em pessoa.

—E a mãe assignou?

—A mãe la não foi, capitão; ha uma assignatura a rogo, feita por um defunto com testemunhas defuntas.

—E bigodearam assim o tabellião?

—Bigodeado está, mas é o herdeiro que fica a olhar o signal.

Ficando V.Ex. certo de que faço justiça ao tabellião, que é homem serio.

—Os nomes dos cujos?

—O principal é um procurador.

Depois fallaremos.}

(Continua.)

—Hontem o recrutamento esteve terrivel.

—Assim o diz o *Jornal da Bahia*, e diz que por vinganças eleitoraes.

—Felizmente elle não é suspeito; mas si quem recrutava era *vermelho* (o ajudante da capitania) a vingança era pelos vermelhos exercida.

—E dizem que elle recrutando li-gueiros, attribuia a culpa ao governo,

dizendo. São cousas da gente em quem vossês volaram.

—Estes vermelhos!



—Aquelle barbaças é doudo!

—Que duvida!

Anda de bonet de galão, inculcando de militar; passou pela cavallaria e dispensou a continencia.

Agora vae por S Francisco de Paula, cantando e encarando afoutamente as pessoas que vem na gondola.

—E' tollo; não ha duvida.

Que officio é o delle? Anda sempre de cavallo!

—Tira dentes a cavallo.

—Ah! por isto!

Antes tirasse-os aos bois, com quem muito se parece na cabeça.

—Olhe que Latronopolis é mesmo não sei o que de mão Joanna! Quem quer vem para aqui vender suas pomadas e safa-se com a cara mui limpa.

—Deixe o pobre do homem que me dizem que está maluco por desgostos de familia.

—Deus se compadeça do carcamano!



—Eu bem disse que o Sr. Marinho não era capaz de dar chicote no caixeiro.

Veiu no *Diario* de hoje e defendeu se.

—Como?

—Apresentou um interrogatorio feito ao menino pelo delegado.

—Ah!

Sim!

Este mundo tem cousas!

—Só censuro no Sr. Marinho uma cousa e é que dando bollos para corrigir o *crime* que elle diz haver, publicou uma eterna vergonha para o moço!

—São cousas do coração bondoso do Sr. Marinho!

LA VAE VERSO.

1864.

O anno que finda hoje
Foi fertil em ladroeiros,
Fez-se testamentos falsos
E mil outras bandalheiras.

Houve muito contrabando,
Muita bisca se embarcou,
Vendeu-se muita sentença,
Lettras falsas se passou.

Muitos homens no commercio
Que passavam por honrados,
Fizeram mil fraudulencias
E se deram por quebrados.

Foi um anno fertilissimo
A' respeito de papança;
Desde que é mundo o mundo
Não se viu tanta abastança.

Muito boa agua do dique
Deram p'ra o povo beber,
Carne cançada e doente
Não faltou, p'ra se comer.

VARIÉDADE.

Um sujeito dirigiu-se á proprietaria de uma habitação em que havia quartos para alugar.

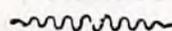
—Quantos são os membros da familia?

—Pouca gente .. Eu, minha mulher, a criada, Nero, Cleopatra, Marco Aurelio e Cesar.

—O imperio romano em peso?

—Não se assuste. Nero é um gato de dous mezes; Cleopatra uma cadellinha franceza; Marco Aurelio um gato maltez e Cezar um papagaio pernambucano.

—Pois, Sr., tornou a dona da caza, é muita bicharia; não me convém converter a caza em arca de Noé.



Um lord inglez tinha uma amante de quem muito ciuvara, dizem as más linguas, com rasão.

A menina tinha uma erizada, doutora de capello em intrigas amorosas o muito lida em Boccage; sabia-lhe todas as poesias, sem exceptuar as do 7.º volume.

Por isso quando fallava enchia os discursos de flores mythologicas e poeticas, cousa rara em uma cosinheira.

Certa manhã bate o desditoso *gentleman* á porta da diva e recebe da criada esta resposta:

—A menina não pode agora receber, porque está ainda nos braços de Morpheu.

O lord não disse nada. Desceu a escada, pallido e vacillando.

—Oh! *good man!* ainda mais um amante!... Morpheu!... quem será este novo rival?!...

E arado n'alma pelo fogo do mais violento de todos os ciumes, correu á casa e enforcou-se!...



Um escocoz entrou n'uma taverna em Londres. Apesar de já estar completamente bebado, pediu mais um copo.

Bebeu e cahiu.

O dono da tasca teve delle compaixão e deixou-o dormir na caza.

Fazia frio e o hospede deitou-se junto ao *fender*, para aquecer-se.

Alli passou a noite.

Mas julgue-se o terror do hospedeiro quando pela manhã, entrando no armazem, vê que a perna direita de seu desditoso hospede fôra inteiramente consumida pelas chammas!

Era tal a *cabelleira* do escocoz que não déra por isso!

—Ah! desgraçado! exclama o taverneiro, tomado de horror.

—Traga-me um copo de rum e não se assuste, tenho la outra em caza (diz o patusco muito descansado) ja não é a primeira que me ardo.

.....

O leitor já deve ter advinhado que a perna queimada era de pau!

(*Extr.*)

PARTIE COMMERCIAL.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Brigue *Justiniano*, vindo do porto de S. José, capitão *Araujo*.

10 volumes *reformas*, 1 pacote raiva e desesperos.

EXPORTAÇÃO,

GENEROS DESPACHADOS.

Cidade da Insolencia brigue *Bixo do Mar*; Joaquim Pereira 3 volumes *impunidades*, 4 caixas *arrogancia*, 10 saccos bofetões para caixeiros.

EMBARCAÇÃO DESPACHADA.

Villa-Boinha barco *Chefe*, 2 cestas *arufos* para menino, 3 balaios *despeitos*, 1 cesto *caprichos* infantis.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA DO DIA.

Portos de S. Thomaz, brigue *Nabuchodonozor*, capitão José, carga *trampolinas* e *tranquibernias*; 51 \$860 em dinheiro para entregar a um soldado do corpo policial.

SAHIDA DO DIA.

Porto do Bomfim, galera *Linda* de 50 toneladas, capitão *Bla*; carga 4 caixas *amor fugido* engarrafado, 2 fardos *escandalos*, 3 barricas *estupidez* de primeira qualidade, 9 rolos *tolices*, passageiro *No*.

NOTICIA MARITIMA.

Entrou com *boa viagem* o brigue *Fouce* com um carregamento de *contrabandos*.